

*Diário de formação docente em Arte:
Aproximações do pensamento
feminista e cultura visual.*

*Figura 1 – Desenhos da
série Diversidade feminina
de Aline Lima.*

ALINE PACHECO DE LIMA
GLÁUCIA PAOLA MORAIS DA COSTA

DIÁRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE:
APROXIMAÇÕES DO PENSAMENTO
FEMINISTA E CULTURA VISUAL.

*Trabalho de conclusão de
curso apresentado ao curso de
Graduação em Artes Visuais da
Universidade Federal do Amapá
– UNIFAP, como requisito e
título de Licenciatura Plena
em Artes Visuais.*

*Orientadora: Professora Dr^a
Silvia Carla Marques Costa.*

MACAPÁ
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
LICENCIATURA PLENA EM ARTES
VISUAIS

ALINE PACHECO DE LIMA
GLÁUCIA PAOLA MORAIS DA COSTA

DIÁRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM
ARTE:
APROXIMAÇÕES DO PENSAMENTO
FEMINISTA E CULTURA VISUAL.

MACAPÁ
2019

ALINE PACHECO DE LIMA
GLÁUCIA PAOLA MORAIS DA COSTA

DIÁRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE:
APROXIMAÇÕES DO PENSAMENTO FEMINISTA E
CULTURA VISUAL.

Trabalho de Conclusão de
Curso, apresentado a
Universidade Federal do
Amapá, como parte das
exigências para a obtenção do
título de Licenciado em Artes
Visuais.

Macapá, __ de _____
de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Especialista Aline Pacheco Souza.

Prof^o Mestre Mauricio Remigio Viana.

Prof^a Doutora Silvia Carla Marques Costa

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimento a todos os que deram uma contribuição valiosa para a nossa jornada acadêmica.

Obrigada pelos conselhos, palavras de apoio, puxões de orelha e risadas. Em especial às nossas mães, Doreles e Márcia pelo amor, incentivo e apoio, à nossa orientadora Silvia Carla pela paciência e ensinamentos que nos inspirou a pensar um ensino de Artes mais sensível e autoral e à escritora feminista bell hooks que nos inspirou desde o início à pensar novas formas de ensinar, resultando hoje nesta pesquisa.

Figura 2 - Desenhos da Série Diversidade Feminina de Aline Lima.



RESUMO

Nosso trabalho de conclusão de curso surgiu a partir de nossas inquietações acerca da atuação docente em Artes Visuais nas escolas, principalmente a respeito do currículo e vivências entre professores e alunos. Instigadas pela pedagogia feminista e com o objetivo de investigar como o professor de Artes ensina no espaço escolar, levando em conta mudanças no olhar sobre as ações dos alunos no cotidiano. Na produção de dados fizemos uma observação participante, entrevistas com o professor da disciplina arte e com a coordenação da escola. Ainda realizamos um diário visual que nos possibilitou acessar a sala de aula pelas experiências sensoriais do que estávamos vivenciando. Dessa forma, apresentamos nossa pesquisa para propormos pensarmos novos posicionamentos de um ensino de artes mais inventivo e autoral.

Palavras chave: Ensino de arte, feminismo, artisticidade.

ABSTRACT

Our work to finish the course arose from our concerns about teaching in Visual Arts in schools, especially regarding the curriculum and experiences between teachers and students. Instigated by feminist pedagogy and aiming to investigate how the art teacher teaches in the school space, taking into account changes in the look on the actions of the students in the daily life. In the production of data we made a participant observation, interviews with the teacher of the art discipline and with the coordination of the school. We also carried out a visual diary that allowed us to access the classroom through the sensorial experiences of what we were experiencing. Thus, we present our research to propose to think new positions of a teaching of arts more inventive and author.

Keywords: Teaching art, feminism, artisticity.



Figura 3 - Reprodução da ilustração da artista bonbonoiseau (@bonbonoiseau)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

15

1 SIMILARIDADES DO PENSAMENTO FEMINISTA COM AS INCERTEZAS DO ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEO

18

2 O ESPAÇO ESCOLAR COMO TERRITÓRIO DE PESQUISA

26

2.1 Artisticidade e possibilidades da produção de dados

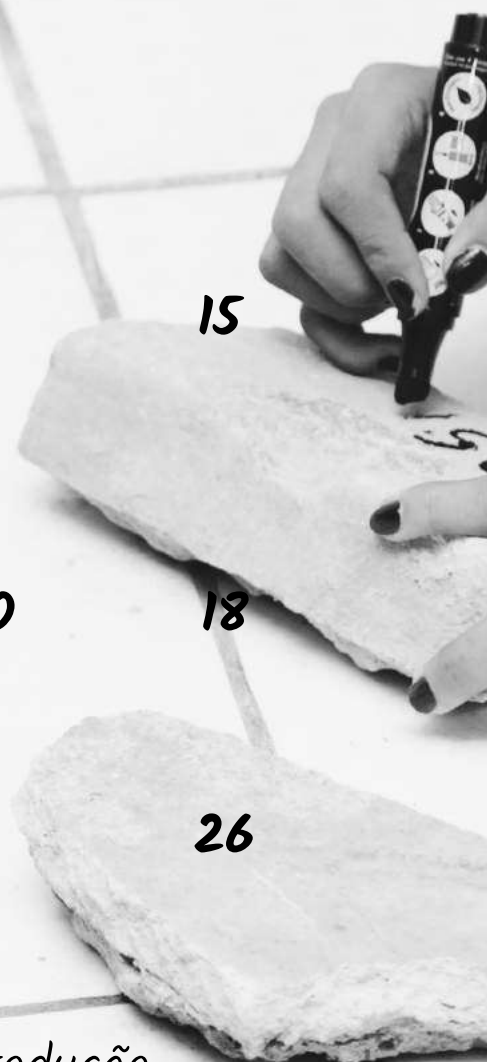
33


2.2 Aproximações com o campo entre estrutura e compreensão da disciplina: arte

36

2.3 Descrição, observação e intervenção reflexiva nas aulas de arte

46





**3 INSTANTES DE POSSIBILIDADES
DOCENTES: FISSURAS E PERSPECTIVAS
DA AÇÃO EDUCATIVA EM ARTE**

68

*3.1 Desejos de fissuras, riscos de
aprendizagens, pesquisas e desejos
da docência*

74

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

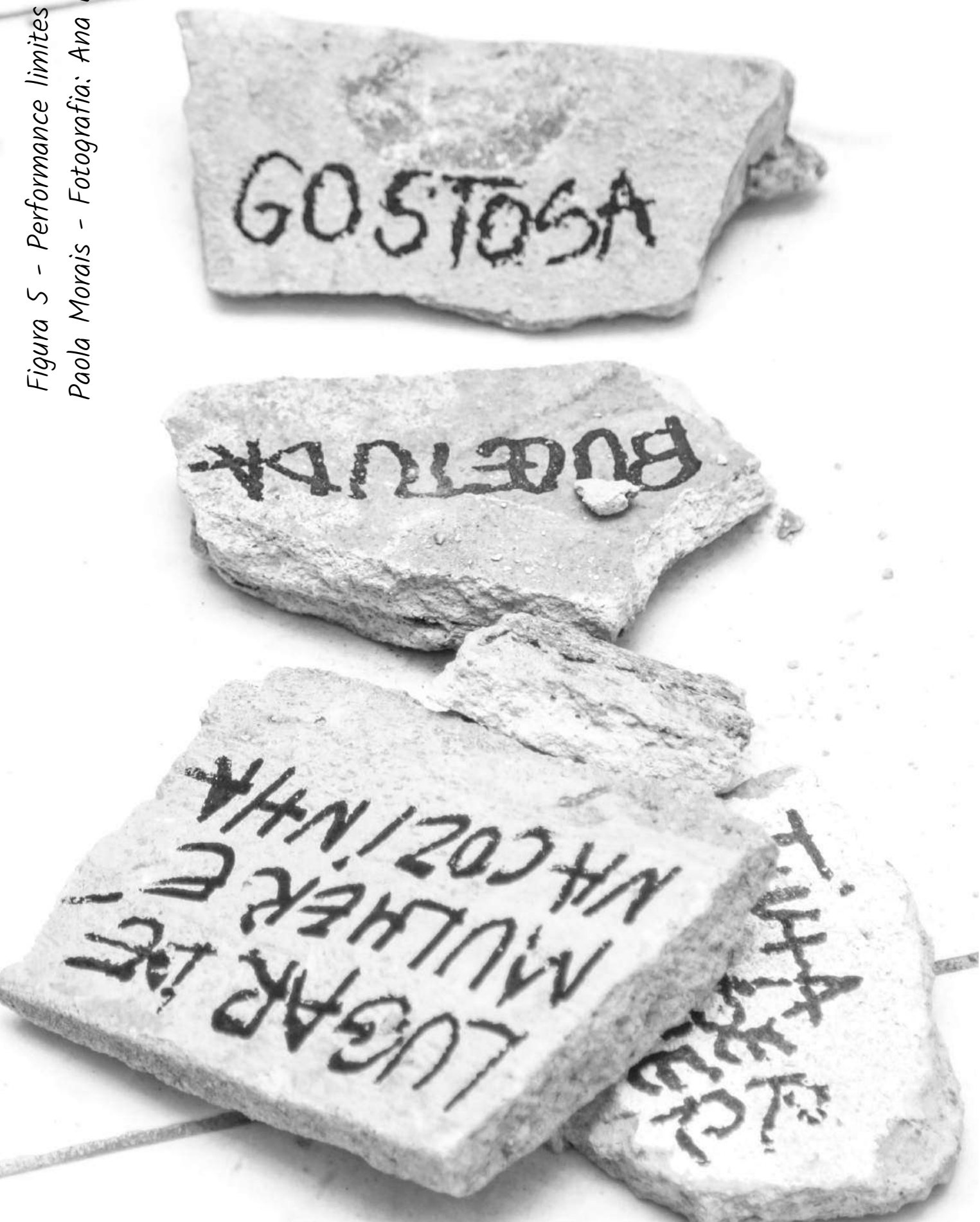
121

5 REFERÊNCIAS

126

Figura 4 - Performance limites II de
Paola Morais - Fotografia: Ana Lages.

Figura 5 - Performance limites II de
Paola Morais - Fotografia: Ana Lages.



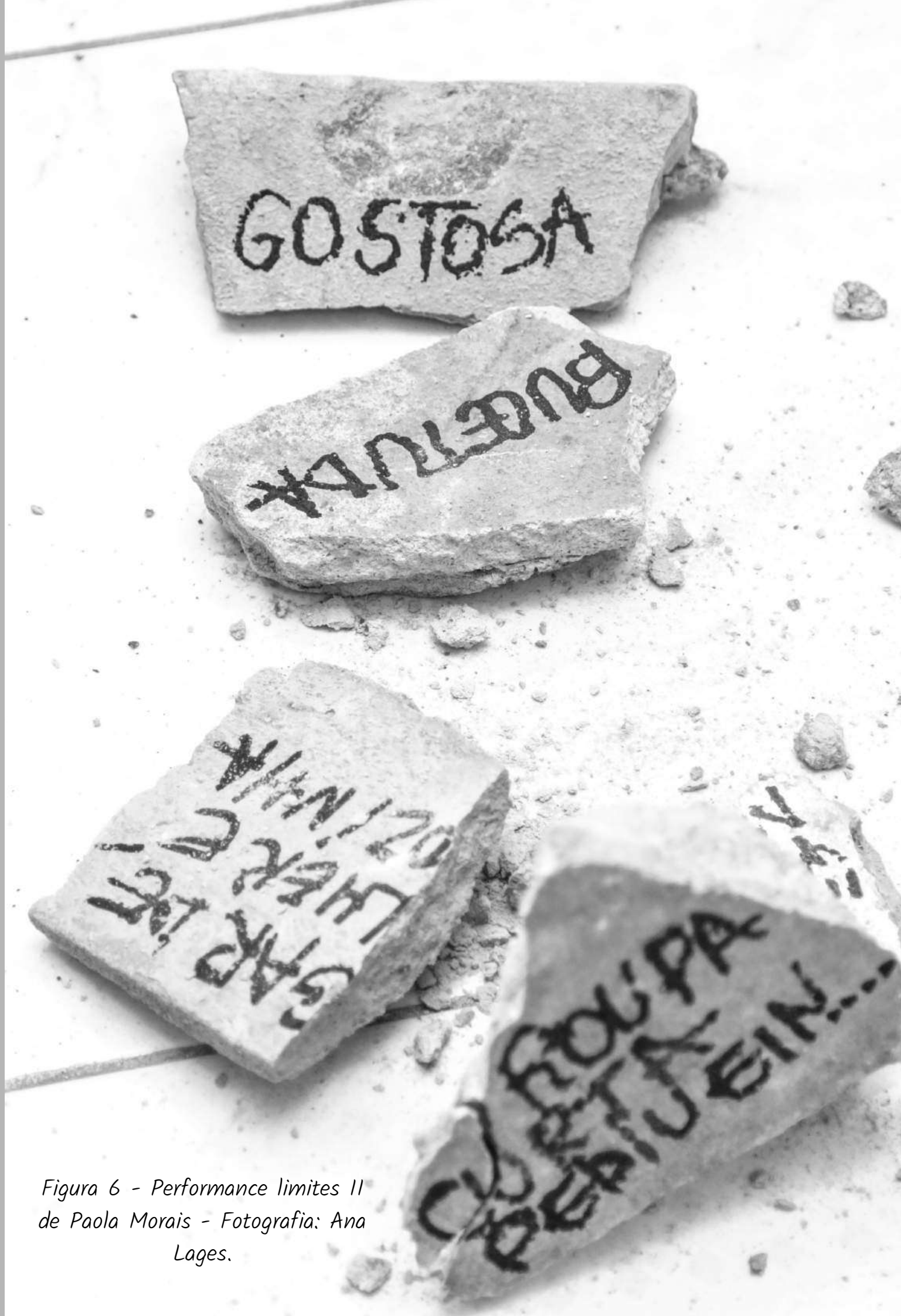


Figura 6 - Performance limites II
de Paola Morais - Fotografia: Ana
Lages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenhos da série Diversidade feminina de Aline Lima.....	01
Figura 2 - Desenhos da Série Diversidade Feminina de Aline Lima.....	05
Figura 3 - Reprodução da ilustração da artista bonbon oiseau (@bonbonoiseau).....	07
Figura 4 - Performance limites II de Paola Morais - Fotografia: Ana Lages.....	09
Figura 5 - Performance limites II de Paola Morais - Fotografia: Ana Lages.....	10
Figura 6 - Performance limites II de Paola Morais - Fotografia: Ana Lages.....	11
Figura 7 - Ilustração do projeto Delgeneradas / Divulgação.....	19
Figura 8 - Desenhos da série Diversidade Feminina de Aline Lima.....	25
Figura 9 - Mesa do professor de Artes, Paola Morais, 2018.....	26
Figura 10 - Anotações do diário de campo, Aline Lima, 2018.....	33
Figura 11 - Desenho da série Diversidade Feminina de Aline Lima.....	35
Figura 12 - Mesa do professor, Paola Morais, 2018.....	36
Figuras 13-14 - Sala de aula no estágio supervisionado I, Aline Lima, 2018.....	38
Figura 15 - bell hooks - Disponível em < https://twitter.com/bellhooks >.....	40
Figura 16 - Imagem da Vênus de Willendorf com a palavra "censurado" publicada por museu austríaco.....	42
Figuras 17-18- Livro didático de Artes, Paola Morais, 2018.....	43
Figura 19 - Desenho da série Diversidade Feminina de Aline Lima.....	45
Figura 20 - Aluna realizando atividade de artes, Paola Morais, 2018.....	46
Figura 21 - Produção artística dos Alunos do segundo ano, Paola Morais, 2018.....	47

Figura 22 - Colagem "Os Bandeirantes", Paola Morais, 2018.....	51
Figuras 23 - Colagem "Candangos", Paola Morais, 2018.....	52
Figuras 24-25 - Figurinhas Van Gogh - Reprodução: google imagens.....	57
Figura 26 - Exposição de video na sala de aula, Aline Lima, 2018.....	58
Figuras 27-28-29 - Ambiente escolar higienizada, Paola Morais, 2018.....	60
Figuras 30-31 - Atividade de artes na cantina, Paola Morais, 2018.....	61
Figura 32 - Bandeirinhas, Paola Morais, 2018.....	62
Figura 33 - Exposição de video sobre Gauguin, Aline Lima, 2018.....	63
Figura 34 - Índia Café, Aline Lima, 2017.....	67
Figura 35 - Prática de Artes no refeitório da escola, Paola Morais, 2018.....	68
Figura 36 - Aluna usando camisa do projeto escolar Consciência negra, Aline Lima, 2018.....	70
Figuras 37-38 - Produção artística dos alunos no projeto denominado "Inclusão", Paola Morais, 2018.....	71
Figura 39 - Colagem dos Lambe-lambes, Aline Lima, 2018.....	74
Figuras 40-41-42 - Retratos das artistas Lavinia, Sofonisba e Propézia. - Reprodução: google imagens.....	77
Figura 43 - La Grande Odalisque, Jean Auguste Dominique Ingres, 1814.....	78
Figura 44 - Guerrilla Girls, Do women have to be naked...?, 1989.....	78
Figura 45 - Quem matou Herzog?, Cildo Meireles, 1975.....	79
Figura 46 - Seja marginal, seja herói, Hélio Oiticica, 1968.....	80
Figura 47 - Hoje é sempre ontem, Wesle Duque, 1972.....	82
Figura 48 - figurinha O nascimento de Vênus, Sandro Botticelli, 1483.....	87
Figura 49 - Vênus de Urbino, Ticiano, 1538.....	87
Figuras 50-51 - Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997.....	92

Figura 52 - Mauricio Pokémon, 2018	
- Foto: Fabiana Figueiredo/GI.....	93
Figura 53 - A tentação de Santo	
Antônio, Salvador Dalí, 1946.....	95
Figura 54 - Figurinha Salvador	
Dalí - Reprodução: google imagens.....	95
Figuras 55-56 - Produção dos	
autorretratos, Aline Lima, 2018.....	101
Figura 57 - Produção dos Lambes,	
Paola Morais, 2018.....	103
Figura 58 - Colagem dos Lambe-lambes,	
Aline Lima, 2018.....	106
Figuras 59-60 - Colagem dos lambes da	
turma de terceiro ano, Aline Lima e	
Paola Morais, 2018.....	107
Figuras 61-62 - Colagem dos lambes da	
turma de terceiro ano, Paola Morais, 2018.....	108
Figuras 63-64 - Colagem dos lambes da turma	
de terceiro ano, Aline Lima e Paola Morais, 2018.....	109
Figuras 65-66 - Colagem dos lambes da turma	
de terceiro ano, Aline Lima e Paola Morais, 2018.....	110
Figura 67 - Colagem dos lambes da turma	
de terceiro ano, Paola Morais, 2018.....	111
Figura 68 - Lambe sobre diversidade, Aline	
Lima, 2018.....	113
Figura 69 - Produção dos autorretratos por	
alunos do primeiro ano, Paola Morais, 2018.....	114
Figuras 70-71-72 - Trabalhos dos alunos	
das turmas de primeiro e terceiro anos,	
Paola Morais, 2018.....	115
Figura 73 - Lambe LGBT, Paola	
Morais, 2018.....	117
Figura 74 - Produção dos autorretratos pela	
turma do primeiro ano, Paola Morais, 2018.....	119
Figura 75 - Produção de desenhos sobre	
sonhos, da turma de segundo ano,	
Paola Morais, 2018.....	120

Nosso trabalho de conclusão de curso (TCC) surgiu a partir de nossas inquietações, acerca da atuação docente em Artes Visuais nas escolas, principalmente acerca do currículo e vivências entre professor e alunos em sala de aula. Nós, como futuras professoras e mulheres feministas, acreditamos na educação como uma prática libertadora, como algo além de simplesmente partilhar informação, acreditando que a docência e a relação professor e aluno pode levar a um estado emancipador para ambos.

Com isso, e partindo desse olhar, o que mais nos aflige ou nos inquieta atualmente, enquanto pesquisadoras, são os fundamentos que constituem os professores e que constituem suas subjetividades. Movendo nossas reflexões para a pesquisa costumamos a nos indagar: O quê, para quê e para quem ensinamos arte? Outras indagações se desenham na investigação contornando a problemática de estudo.

Assim, indagamos: Como o professor fatura, penetra e reorganiza seus conteúdos dentro do currículo de artes visuais a fim de tratar assuntos que afligem a vida dos alunos e alunas dentro e fora da sala de aula? Assim, apresentamos nossa pesquisa, para propormos pensarmos novos posicionamentos de um ensino de artes visual mais inventivo e autoral.

Na produção dos dados fizemos a observação no viés qualitativo, entrevistas com o professor da disciplina de arte e com a coordenação da escola. Ainda realizamos um diário visual que nos possibilitou acessar a sala de aula pelas experiências sensoriais do que estávamos vivenciando. Essa ideia é uma postura compreendida de artisticidade¹. Nesse sentido apresentaremos resumidamente os três capítulos nessa discussão de trabalho de conclusão de curso: Capítulo I, Capítulo II, capítulo III e considerações finais.

No capítulo I – Similaridades do pensamento feminista com as incertezas do ensino de Artes contemporâneo apontamos algumas similaridades do pensamento feminista com o ensino de Arte

contemporâneo proposto a partir do horizonte reflexivo da cultura visual.

Falamos acerca de como o ensino de Artes voltado ao pensamento feminista é um ensino engajado e não somente ligado aos valores da razão e ao reforço de práticas normásculas². Ligando isso a pedagogias contemporâneas como a cultura visual e a abordagem do currículo oculto que nos mostram o caminho de um ensino menos hierárquico. No capítulo II – O espaço escolar como território de pesquisa, falamos sobre como descobrimos o espaço escolar como nosso campo de pesquisa. Através da metodologia qualitativa, tivemos a oportunidade de adentrar a sala de aula onde surgiram reflexões de situações encontradas ao decorrer de nossas experiências no campo, possibilitando a produção dos dados para a realização de nosso trabalho de conclusão de curso. Exemplificamos nossa metodologia e tentamos esclarecê-la e refletir a importância e influência da mesma em nossa pesquisa. No capítulo III – Instantes de possibilidades docentes: Fissuras e perspectivas da ação educativa em Artes, falamos sobre nossas intervenções nas aulas de Arte que presenciamos durante o período de observação e mediamos durante o estágio de regência. Tentando colocar em ação todas as aprendizagens que tanto nos nutriram durante os quatro anos do curso de licenciatura. Em formato ainda de diário, descrevemos esses momentos e articulamos breves reflexões sobre as possibilidades de fissurar o currículo oficial e manter viva em nós a dinâmica inventiva e autoral de entender o docente e a docência em Artes Visuais.

Nas Considerações finais, falamos sobre o que pudemos refletir a partir de todo o processo que vivenciamos em nossa pesquisa e quais fissuras no currículo pudemos perceber durante nosso estágio na escola. Fazendo um apanhado de toda nossa pesquisa de TCC e suas contribuições para pensar e fazer um ensino de artes mais autoral e vívido tanto para professor quanto para aluno.

NOTAS

'Artisticidade é um termo que criamos quando pensamos no modo como iríamos redigir nossa escrita da monografia. No formato de diário, descrevemos nossas experiências e sentimentos vivenciados no campo. De forma íntima e sensorial, buscamos uma escrita que fugisse ao tradicionalismo da academia. Encontramos então em Dias o sentido desse termo, quando ele fala sobre metodologias de pesquisa baseadas em arte ABR (arts-based forms of research) e ABER (arts-based education research), ambas sem tradução literal para o português. Essas metodologias enfatizam a produção cultural da cultura visual, rompem, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que estabelecem, formatam e conduzem a pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. Dessa forma, "Os pesquisadores envolvidos em desconstruir a escrita acadêmica dominante, desafiam a voz do observador acadêmico como possuidor de todo o conhecimento, exploram modos criativos de representação que reflitam a riqueza e complexidade de amostras e dados de pesquisa, promovendo múltiplos níveis de envolvimento que são, simultaneamente, cognitivos e emocionais" (DIAS, 2008, p.4).

²(...) as Ciências Sociais que poderíamos qualificar como "normásculas" (ou mainstream) e que pensam o masculino sem mesmo perceber; sem perceber e impregnando de masculinidade que é, de fato, marcada por sua indiferença em relação às desigualdades entre os homens e as mulheres e, mais profundamente ainda, por sua indiferença ao domínio das segundas pelos primeiros. (RYCHTER, 2014, p.3).





***1 SIMILARIDADES DO PENSAMENTO
FEMINISTA COM AS INCERTEZAS DO
ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEO.***





Figura 7 - Ilustração do projeto Delgeneradas / Divulgação.

O feminismo enquanto movimento tem tido grande visibilidade nos últimos anos, em que muito se tem falado sobre as situações que envolvem os questionamentos feministas na sociedade. Entre eles o direito à liberdade, à compreensão das relações por outra lógica que não seja tão somente condicionada aos valores da razão, à emancipação das mulheres e a muitas outras pautas discutidas pelo pensamento e prática feminista.

Inspiramo-nos nas concepções feministas para refletirmos sobre como olhamos a docência e conduziremos nossas práticas. Compreendendo a ação educativa de uma forma mais sensível e vívida.

Ao olharmos a docência através desse viés e olhar feminista trazemos inspirações das concepções pedagógicas de bell hooks, mulher negra, feminista, escritora e professora, que assim como nós, acredita na pedagogia engajada, uma pedagogia que dá ênfase ao bem estar. Onde professores buscam um compromisso ativo com um processo de autoatualização e como forma de ajudar a emancipar grupos invisibilizados que ficam à margem do ensino por reforçamentos de práticas hierarquizadas.

Bell hooks (2013), nos ensina a olhar o ensino através desse viés feminista e a observar as relações presentes em sala de aula, a fim de criar estratégias para derrubar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação. Ela nos diz que em suas práticas pedagógicas busca a interação entre as pedagogias anticolonialista e a crítica feminista. Possibilitando que: “(...) imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como racismo e sexismo)” (pag. 20).

O pensamento feminista busca um ensino engajado e inventivo, onde alunos e professores se tornem agentes da dinâmica da sala de aula. Tentando contornar ações hierárquicas e normásculas que visam a reflexão acerca do currículo que é imposto, este que fomenta um simples repassar e receber de conteúdos, ignorando o aluno indivíduo e o transformando em um simples receptáculo de conteúdos.

Alguns professores limitam suas aulas repassando apenas os valores estéticos e a história da arte, por não compreenderem a potencialidade crítica da aula de arte. Limitando a grande capacidade que a disciplina possui em trazer posicionamentos críticos. Em decorrência disso, a descontextualização desses saberes e práticas, costumam fazer com que o conhecimento escolar dê a impressão de “pronto” e “acabado”; o estudante acaba aprendendo simplesmente o produto. (CANDAU, 2007).

Subtil (2011), nos traz uma interessante análise acerca do ensino de artes no Brasil. Para a autora, o ensino de arte nunca foi protagonista na escola, sua potencialidade questionadora sempre ficou a margem do currículo. Em grande parte de sua história o ensino de arte no Brasil esteve a reboque de demandas políticas, econômicas e culturais que nem sempre possibilitaram a arte se estabelecer no campo escolar como conhecimento importante e significativo.

Quando falamos que a disciplina de artes tem capacidade de tratar de temas emergentes, não queremos dizer que ela deve tratar só deles, mas sim que ela nos dá dimensões para encaixar reflexões e um ensino

engajado, que instigue o aluno a pensar, para que ele não seja só um receptor de informações, como naquele velho ensino bancário:

“(...) baseado no pressuposto que a memorização de informações e sua posterior regurgitação apresentam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados em numa data futura” (HOOKS, 2013, p.14).

Contudo, os paradigmas educacionais acerca do ensino de arte vêm mudando, e hoje as práticas estão sendo conduzidas entre professores e alunos agindo conjuntamente para a produção do conhecimento, envolvendo-se criticamente com as representações de seu cotidiano, como nos diz Dias:

*“O ensino de arte acrítico que reproduz e dá ênfase na arte da cultura alta, exaltando certos objetos de arte e determinando o que convém como experiência estética, evidenciando certas interpretações da História da Arte e colocando-as no topo de uma hierarquia curricular em contra partida de outros objetos, artefatos visuais e outras histórias de outras artes.”
(DIAS, 2011, p. 29).*

Com isso, aliamos nossas inquietações e concepções pedagógicas adquiridas pela teoria feminista no horizonte reflexivo dos estudos da cultura visual. Sabendo que a cultura visual apresenta-se com campo de pesquisa transdisciplinar, estuda a construção social da experiência

visual. DIAS (2011), nos impulsiona a pensar sobre a relação de professores e alunos a partir do ensino e conteúdos das artes visuais nem sempre visíveis.

Esse modo de perceber e buscar uma reflexão para a justificativa e presença das aulas de arte na educação é o que intentamos fazer na pesquisa de TCC. Onde buscamos relacionar nossa prática pedagógica em arte, aliando o conteúdo de arte e o currículo oculto, através do uso das imagens.

Consideramos que o currículo oculto muitas vezes fica à margem do currículo oficial e tentamos percebê-lo como parte desse currículo formal, sabendo da sua produção visual, conforme destacou Dias na sua produção de como se olha e se vê as coisas que contornam a relação entre os sujeitos, o currículo nada mais é do que:

“(...) rituais, práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por grupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos professores (as) e nos livros didáticos.” (CANDAU, 2007, p.18)

Isso quer dizer que, o currículo oculto está presente na vivência escolar e discuti-lo, não apenas na sua formalidade oficial como aponta os conteúdos de arte, dando exclusividade ao teor estético, é enxergar e buscar refletir o sentido dessas imagens e relaciona-las com o cenário visual contemporâneo, contextualizando-as e discutindo-as. Por isso, utilizamos a cultura visual como abordagem de ensino, porque ela, segundo MARTINS (2008), discute a

imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas com o seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura. A cultura visual como abordagem de ensino possibilitou que pensássemos nossas práticas pedagógicas de maneira menos hierárquica. Pois, ao discutir a relação que estabelecemos com as imagens, podemos compreender que as relações de poder e dominação se mostram por meio delas de forma implícita. Dias (2008), nos fala sobre a importância da cultura visual para o ensino de arte, para ele “(...) a educação da cultura visual aborda os percursos curriculares a partir de perspectivas inclusivas nas quais diferentes formas de produção da cultura visual possam ser estudadas e entendidas de um modo mais relacional e contextual e menos hierárquica.”

Diante desse cenário, a reflexão que conduz e problematiza a pesquisa diz respeito de como os professores ensinam nos espaços escolares tendo em conta mudanças do olhar sobre as ações dos alunos no cotidiano, se essas mudanças acontecem e especialmente se estão presentes em suas vivências em sala de aula.

Essa orientação provoca outros questionamentos que podem nos dar indícios das relações existenciais na escola com a condição técnica, opressora e determinista de certos conteúdos em que vivem alunos e professores.

Diante dessas perspectivas da cultura visual e que nos instigou a pensar sobre os processos invisíveis, embora, presentes nas relações entre escolhas metodológicas e ação educativa do professor de arte, vislumbramos que as fissuras produzidas por esses indivíduos impulsionam que se organizem outros modos de sistematizar o ensino de arte.

Nesse sentido, reforçamos nossa questão: Como o professor fatura, penetra e reorganiza seus conteúdos dentro do currículo de artes visuais a fim de tratar assuntos que afligem a vida dos alunos e alunas dentro e fora da sala de aula? Tendo em perspectiva novos posicionamentos de um ensino de artes visuais mais inventivo e autoral.



Figura 8 - Desenhos da série
Diversidade Feminina de Aline
Lima.



2 O ESPAÇO ESCOLAR COMO TERRITÓRIO DE PESQUISA.

Figura 9 - Mesa do professor de Artes, Paola Morais, 2018.

Nossa pesquisa surgiu a partir de nossas inquietações, acerca da atuação docente em Artes Visuais nas escolas, principalmente acerca do currículo e vivências entre professor e aluno em sala de aula. Nós, como futuras professoras e mulheres feministas, acreditamos na educação como uma prática libertadora, como algo além de simplesmente partilhar informação, acreditando que a docência e a relação de professor e aluno pode levar a um estado emancipador³ para ambos.

Quando falamos em estado emancipador, queremos dizer que a educação e o ensino de Artes Visuais têm potencialidades que possibilitam a tanto alunos como professor a compreensão da sua própria realidade junto com o questionamento de tal. Visando com que estes busquem modificar de forma positiva sua realidade, despertando seu senso crítico e trazendo reflexões que não se limitam somente à sala de aula, mas que abrangem também o seu campo social. Este pensamento foge aos valores normásculos e nos liga diretamente com um viés e olhar feminista, onde buscamos uma compreensão das relações por outra lógica que não seja tão somente condicionada aos valores da razão. Onde o conhecimento é construído coletivamente e em que alunos e professores possam compartilhar saberes e experiências.

Nossa pesquisa se iniciou durante a disciplina de Estágio Supervisionado I, no primeiro semestre de 2018, na Escola Estadual Jesus de Nazaré localizada na cidade de Macapá no estado do Amapá. No período entre os meses de Abril à Junho e depois de outubro à novembro no segundo semestre do ano de 2018, através da disciplina estágio supervisionado II (regência).

Realizamos nossa pesquisa de campo e a intervenção nas aulas de arte do professor João, nome fictício, pois, nossos colaboradores serão apresentados assim, dado que, como nossa coleta de dados foi baseada na observação participante, serão utilizados apenas nossos relatos das experiências vivenciadas no campo. Optamos por não usar perguntas estruturadas, mas baseamos nosso contato através de diálogos informais onde as perguntas iriam se desenvolvendo de acordo com as conversas.

Nesse período de estágios pudemos acompanhar as turmas de ensino médio de primeiro, segundo e terceiro anos do período vespertino da escola que visitamos. Somando o total de sete turmas, sendo três turmas de primeiro ano, duas turmas de segundo ano e duas turmas de terceiro ano. Com isso, somamos o total de vinte aulas, sendo treze no período do estágio de observação e sete no período do estágio de regência.

Durante o estágio I de observação, pudemos adentrar a sala de aula apenas como observantes a fim de compreender de perto a dinâmica dela. Essa participação durou três meses em que pudemos além de observar a dinâmica da sala de aula, observamos também o conteúdo repassado aos alunos, assim como acompanhamos o processo do professor exercendo sua função e de que maneira este lidava com os aspectos estruturais e hierárquicos da escola e sala de aula. As percepções e reflexões desse primeiro momento de estágio estarão aqui neste capítulo.

No próximo capítulo relataremos acerca do estágio de regência, onde pudemos adentrar a sala de aula e intervir com ações junto aos alunos.

Observamos também, além da relação professor e aluno, a relação da comunidade escolar, tanto coordenação pedagógica quanto dos demais

funcionários que ali prestavam serviço. Tivemos a oportunidade de conversar com a coordenação pedagógica e com o professor que acompanhamos durante o estágio, tentando compreender ainda mais aquele espaço escolar e os agentes que o compunham.

Melluci (1998), entende que na pesquisa qualitativa não há como separar a definição teórica do campo de estudo pela sua construção prática. Através de um processo interativo, as práticas de pesquisa e experimentações conduzidas pelos pesquisadores se misturam aos processos sociais, culturais e que conduzem as práticas.

Isso quer dizer que, como futuras docentes e sob as elucidações inspiradas por um viés feminista, nossas percepções se misturam com a produção de dados no campo, a sala de aula. O encontro desse posicionamento se revela com novas percepções de se fazer uma docência mais inventiva, com um olhar mais sensível às práticas cotidianas presentes na convivência de alunos e professores.

No período que vivenciamos o estágio, buscamos perceber aquele espaço, um território até então desconhecido, éramos corpos estranhos. Mas através dos diálogos e conversas informais nos inserimos no cotidiano daquelas pessoas, daquele lugar.

Ao entrar em contato, principalmente com os alunos e o professor de arte, conseguimos experimentar todo aquele processo de conhecimento do ambiente escolar. Percebemos os sentidos que eles empregavam em suas práticas e com nossas lembranças e relatos do vivido compomos nossa pesquisa.

A Pesquisa de cunho qualitativo nos proporcionou imersão no campo de pesquisa onde buscamos perceber como a prática docente dos professores de artes visuais se atravessavam nas conjunturas sociais

presentes na escola, mais especificamente em sala de aula. Como nos diz Flick:

“A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, torna-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto.”
(FLICK, 2009, p. 25)

A postura da pesquisa qualitativa proporciona o encontro com o outro, com os dados e com a própria compreensão de docência. Além de que, esse encontro se dá em crer na construção da prática educativa, levando em consideração a subjetividade do professor como ator social, seus modos de ver e de que forma este insere no seu currículo a ação educativa.

Em relação a esses modos de ver na ação de pesquisadoras, buscamos novamente Melluci (1998), que vê nas interpretações os sentidos pelos quais os sujeitos agregam significados às suas próprias ações. As ações dos professores em sala de aula podem se materializar nos currículos de modo que pretendemos analisar as práticas cotidianas e a produção da realidade social.

Flick (2009) é contundente quando vê nos dados produzidos a partir da observação participante, referente à nossa ida à sala de aula, momentos de encontros e instantes de conversações. Isso faz com que diálogos informais (conversas cotidianas) sejam alternativas para nos aproximarmos e mergulharmos nesse universo complexo, acessando as subjetividades de nossos interlocutores da pesquisa.

Como meio de registrar nossa pesquisa de forma mais sensorial, criaremos um diário contendo fotos com intervenções de desenhos e fotografias. Colocando nele nossas experiências registradas nessa caminhada de pesquisa. Haja vista que os modos como percebemos o mundo estarão neste diário.

Usaremos imagens para transparecer alguns de nossos sentimentos e percepções, pois, não encaramos fotografias, desenhos e/figuras apenas como forma de registrar situações ou dados, mas como forma de expressão e de aproximação com o leitor de nossa pesquisa.

Pensadoras do mundo sensível e da artisticidade, procuramos no diário capturar sentidos próprios, registrando o nosso dia a dia no campo, de acontecimentos e eventos cotidianos, ordinários e extraordinários com letras, texturas, desenhos e sentimentos.

Perseguimos uma pesquisa que use o diário de campo em posicionamentos de artisticidade como uma grande área do conhecimento, sentimento e modos de vida. O que sublinhamos por enquanto, com essas discussões e aprofundamentos com a pesquisa qualitativa, são formas de renomear, repensar, burilar, sonhar novos modos de propor – e exercer – um currículo em Arte.

Sobre artisticidade, acompanhamos o pensamento de Dias (2011), ao nos relacionarmos e dialogarmos com o mundo, as formas de perceber o outro e a nós mesmos e como encaminhamos nossas práticas educativas cotidianas e suas mudanças em diferentes formas de comunicação presentes em nossas vidas.

NOTAS

³Segundo bell hooks, podemos emancipar ou libertar os alunos quando criamos práticas pedagógicas que os façam ter expressão e criticidade, através de um ensino multiculturalista, como ela nos diz: "Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora." (HOOKS, 2013, pg. 63)



2.1 ARTISTICIDADE E POSSIBILIDADES DA PRODUÇÃO DE DADOS

porim parecia-se lidar
com crianças, mais um
papel que o professor
cumprir, aguenta.
Num segundo momento
os alunos todos prestaram
atenção (!!!)
atenção até a minha
O professor passou um
Natal em que gostei
deptuavam de por d:-
vertido a minha ver
zogh. Os alunos olha-
ram, todos prestaram
atenção, muito bem!

Figura 10 - Anotações do diário de campo, Aline Lima, 2018.

Nos momentos de observação e atuação no espaço escolar que compõem os objetivos das disciplinas de estágio, tivemos a oportunidade de adentrarmos em sala de aula com o professor de artes e juntos pensarmos/criarmos práticas pedagógicas em conjunto. Observando suas aulas, experimentamos esse primeiro contato com a sala de aula e em seguida, atuamos nas construções das aulas junto com o professor. Durante esse contato com os agentes que compõem esse território escolar, tivemos novos olhares despertados acerca da experiência docente e do ensino de arte.

Esse espaço que antes vivenciamos como indivíduos em processo da busca de saberes, mas que no momento, vivenciamos como aquele que futuramente abrigará nossa atuação docente. Tentamos perceber os sentidos e os significados compartilhados entre professores e alunos durante a aula de artes, assim como também a relação que eles estabeleciam com o ambiente escolar.

Ao entrar em contato com o campo, a escola e a vivência escolar em nossa pesquisa, experimentamos sentimentos que se mesclaram e por vezes se separaram. Mas as sensações, percepções e sentimentos se convergiram para pensar em como as relações existentes em sala de aula ainda se qualificavam pela diferença que os professores, em certa medida, fortaleciam se posicionando de forma hierarquizada ao saber e fazer conhecimentos, como por exemplo ao fortalecer o sistema de educação bancária.

Sendo assim, compreendemos que escolher determinados temas, fenômenos próximos e estudá-los é perceber que a construção do problema a ser investigado se constitui em processos particulares e coletivos. São recortes que nós pesquisadoras estamos efetivamente e qualificativamente envolvidas. Aja vista, que os pesquisadores não são

neutros ou imparciais. Mas também, não vislumbram que posicionamentos e argumentos não sejam generalizados nem tampouco homogeneizados, mas interpretados.

Isso quer dizer que, imersas no campo de pesquisa, pensamos na contribuição investigativa como um processo de outros modos de tornar-se docente. Ou seja, considerar como processo de formação a pesquisa vivificada na interação entre a experiência do outro e de si, pode ser suporte de reflexão autobiográfica do que estamos sendo.



Figura 11 - Desenho da série
Diversidade Feminina de Aline
Lima.

Figura 12 - Mesa do professor,
Paola Morais, 2018.

4/05
ARTES - 2º Bimestre
ATIVIDADE AVALIATIVA

(1) O que significa a expressão pós-impressionismo?

(2) As obras ^{3p} consideradas pós-impressionistas foram produzidas apenas após a era impressionista? Comente.

(3) Os impressionistas realizaram ^{5p} diversas exposições coletivas de suas pinturas. A dinâmica de exposição pós-impressionista seguiu outro rumo e ia além da pintura. De maneira geral como eram chama

(4) P
impr
expo
dura

(5) Qu
em re
Qual
encont

**2.2 APROXIMAÇÕES COM O CAMPO ENTRE
ESTRUTURA E COMPREENSÃO DA
DISCIPLINA: ARTE**

Quando nos deparamos com a decisão de escolher uma escola para estagiar, não tínhamos muita certeza de nossos rumos ou de qual escola escolher. Então, passamos a levar em consideração alguns fatores, tais como escolas que tínhamos em nossas lembranças do ensino médio, fundamental, etc., a localidade, a proximidade da escola e a facilidade de acesso da mesma.

Com isso, escolhemos uma escola que se encaixou em todos esses requisitos, a escola em questão tinha sido a escola de uma de nós na adolescência e estava carregada de lembranças. Através da disciplina de estágio supervisionado I no primeiro semestre de 2018, na escola Jesus de Nazaré, pudemos realizar nossas observações sobre a mesma e seu corpo discente e docente.

No dia 11 de abril de 2018, fomos recebidas pela coordenadora pedagógica da escola, para que fossemos permitidas a estagiar ali. Naquele dia um fato nos chamou atenção, a coordenadora pedagógica se preocupou acima de tudo em logo de cara nos informar sobre o modo que deveríamos nos vestir durante o estágio, de forma bem autoritária nos disse que alunas não poderiam usar decotes e meninos não poderiam usar bonés, etc., e assim, professores e estagiários também não. De fato, aquilo era importante se precisávamos cumprir aquelas ordens para poder estagiar ali, mas era a única coisa a ser conversada? Tivemos a impressão de que estávamos ali sendo julgadas desde já por nossas roupas, tatuagens e aparência no geral.

Ao sairmos da sala, depois de comum acordo que poderíamos estagiar ali, fomos olhar a aparência da escola, que por sinal era muito boa, com uma boa estrutura, biblioteca, centrais de ar e cantina ampla. Saímos dali sem adentrar a sala de aula, mas com a expectativa de que conseguiríamos lidar da melhor forma com essa experiência no decorrer dos dias de nosso estágio que estava por vir.

Nosso primeiro dia de estágio se deu no dia 12 de abril de 2018 no turno vespertino, onde pudemos adentrar a sala de aula junto do professor João.

Em nosso segundo dia na escola, pudemos conhecer o professor de artes, ele nos recepcionou da melhor forma possível, muito amigável e aparentando estar contente por estarmos ali. Adentramos a sala de aula pela primeira vez em um estágio. Não sabíamos muito bem o que esperar daquele primeiro contato, mas tínhamos lá nossas vontades de que tudo ocorresse da melhor forma. Entramos e nos apresentamos aos alunos da turma de primeiro ano, estes que nos pareceram curiosos, mas confortáveis com nossa presença ali.

Nos sentamos e começamos a observar a aula do professor. Foi um primeiro contato bastante curioso, pois, claramente éramos uma presença estranha ali e para nós aquele contato era algo novo também, nunca havíamos adentrado a sala de aula nessa posição.



Figuras 13-14 - Sala de aula no estágio supervisionado I, Aline Lima, 2018.

Num primeiro momento observamos as condições estruturais da sala de aula e pudemos perceber que eram bem razoáveis, pois esta continha data show, cadeiras em bom estado de conservação, porém contendo algumas pichações nelas. Isso não nos deixou surpresas, pois em nossos tempos de ensino médio já chegamos a presenciar alunos escrevendo coisas em cadeiras a fim de se expressarem ou só para passar o tempo, etc. Com isso, nossa ideia ali era observar além, para isso nós tínhamos em mente algo, para nossa pesquisa, que era procurar as fissuras que o professor de artes fazia em seu currículo, então buscamos observar comportamentos, sentimentos aparentes ou algo que nos desse alguma pista sobre o que estávamos procurando. Resolvemos olhar em nossa volta os alunos, percebemos um grupo de alunos mais engajados e outros alunos mais solitários na turma, não sentados em grupo; até aí tudo bem? Achamos que não, pois pensamos que isso poderia ser um gancho para o professor trabalhar com os alunos a forma como eles estavam interagindo entre si. Apesar de não haver sido puxado tal gancho, a reflexão valeu para nós. O professor então começou a aula copiando no quadro, com uma postura, a nosso ver, bastante tradicional e normáscula, em frente à turma, blindado por sua mesa, sem interação alguma com seus alunos além da pregação do assunto do dia. Talvez ele se quer tivesse noção daquilo, haja vista, que é essa a postura ensinada aos professores para terem em sala de aula, que ignora o corpo e cria uma linha imaginária entre professor e aluno.

Quando falamos postura englobamos o conjunto de expressões corporais e a performance que o professor tem na sala de aula. Nós já estávamos familiarizadas teoricamente com essas “posturas” hierarquizadas que professores tem em sala de aula de uma forma quase automática, como nos diz bell hooks:



Figura 15 - bell hooks - Disponível em <https://twitter.com/bellhooks>.

“(...) os professores talvez insistam que não importa se você fica em pé atrás da tribuna ou da escrivaninha, mas isso importa sim. Lembro no começo da minha atividade de professora, que na primeira vez em que tentei sair de trás da escrivaninha fiquei muito nervosa. Lembro que pensei: “Isto tem a ver com o poder. Realmente sinto que tenho mais ‘controle’ quando estou atrás da tribuna ou atrás da escrivaninha do que quando caminho na direção dos alunos, fico em pé ao lado deles, às vezes até encosto neles.” Reconhecer que somos corpos na sala de aula foi importante para mim, especialmente no esforço para quebrar a noção do professor como uma mente onipotente, onisciente.” (HOOKS, 2013, pg. 185.)

Ao refletir sobre isso, vimos o quanto posturas, falas e expressões consideradas insignificantes como o simples fato de o

professor se colocar de trás de uma mesa, na frente dos alunos, dando palavras de ordem, transmite uma posição de poder do mesmo. Teríamos que nos atentar a todos os detalhes que compunham a dinâmica das salas de aula, por mais despercebidos que pudessem passar. Não seria uma tarefa fácil, mas estávamos ali também para trabalhar o nosso olhar para essas subjetividades.

O conteúdo abordado naquele dia foi “Arte rupestre”, através de uma aula expositiva com uso de data show e auxílio do livro didático. O professor começou contextualizando o assunto com o período em que esse tipo de arte fazia parte, a pré-história. Explicando que os alunos compreenderiam melhor como se sucedia os outros movimentos e vanguardas artísticas se estudassem a arte rupestre e que esse período seria o início das manifestações artísticas humanas, como a dança, música e artes plásticas.

Não percebemos muito interesse dos alunos, estes que conversavam bastante entre si chegando a cobrir a voz do professor com as suas. O professor, por sua vez, não se impunha em momento algum a isso, apenas continuava a falar sobre o conteúdo que ali estava. Havia muitas conversas paralelas entre os alunos, assuntos como “o que tal aluno iria fazer na sexta-feira” e quase nenhum debate e atenção ao conteúdo da aula. Dessa forma, o professor mostrava dificuldade em chamar a atenção dos alunos para a sua aula. Não eram todos os alunos que tinham essa postura, mas a maioria demonstrava ausência de motivação ou algo que os instigasse a se interessar por aquele conteúdo.

Encontramo-nos diante de inquietações do tipo: Seria essa uma postura não-normáscula ou só falta de vontade de dialogar com a turma e chamar a atenção dela para sua aula? Nos inquietamos com isso durante a aula toda, pois não houveram perguntas ou interações entre professor e turma, havia um clima de cansaço e pouco entusiasmo pela aula ali de ambos os lados, pelo que pudemos perceber, e aquele clima acabava por se estender até nós. Isso nos fez lembrar do ensino bancário em que o tédio é onipresente na sala de aula, porém tínhamos certa noção de que a dinâmica da sala de aula não era inteiramente de responsabilidade do professor, mas sim dos alunos também, de que ambos estivessem interessados por ouvirem uns aos outros, como nos diz bell hooks:

“Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. (...) é raro que qualquer professor, por mais eloquente que seja, consiga gerar por meio de seus atos, um entusiasmo suficiente para criar uma sala de aula empolgante. O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo” (HOOKS, 2013, pg. 18.)

Com isso, não nos colocamos na posição de julgadoras do professor ou de apontadoras do que ele deve ou não seguir, mas entendemos que é necessário refletir sobre uma pedagogia em que se valorize a presença de cada um que faz parte da sala de aula, tanto professor quanto alunos.

Apenas em um momento os alunos demonstraram interesse na fala do professor, foi quando ele falou sobre a produção artística rupestre, mostrando uma escultura da Vênus de Willendorf e os explicou sobre os padrões de beleza vigentes naquela época. A reação dos alunos ao verem a imagem da Vênus foi de risadas e piadas, pudemos observar a conotação sexual presente nelas. Ficamos inquietadas de novo, pois não houve nenhum comentário do professor ou problematização disso com os alunos.



FIGURA 16 - IMAGEM DA VÊNUS DE WILLENDORF COM A PALAVRA 'CENSURADO' PUBLICADA POR MUSEU AUSTRIACO

Aquelas risadas que nos pareceram extremamente gordofóbicas⁴ pelo padrão de corpo da mulher retratada na escultura, não foram em nenhum momento questionadas, mas sim, tratadas com normalidade por todos, inclusive pelo professor.

Passado isso, o professor comunicou que iria passar para a turma uma atividade avaliativa, uma folha com questões com alternativas para que eles marcassem verdadeiro ou falso em afirmativas sobre o conteúdo explorado no dia.

Nos vimos surpresas novamente, pois a ideia de uma atividade avaliativa logo depois de um assunto, sem nenhum aprofundamento ou debate sobre o mesmo nos fez pensar que seria confuso para os alunos. Não conseguimos perceber nenhum tipo de contato mais "íntimo" do professor com a turma, apenas o velho tradicional

⁴Que revela preconceito ou intolerância contra pessoas gordas. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/gordof%C3%B3bico>> Acesso em: 25 Jan, 2019.

repassamento do assunto, sem qualquer mínimo debate ou qualquer outra coisa que fuja ao ensino bancário.

Tivemos a todo o momento a impressão de que os alunos pensavam que a disciplina de arte era algo desinteressante e que de qualquer maneira iriam ser “aprovados” mesmo não se esforçando ou só indo à aula por ir.

Em determinado momento a campainha tocou, os alunos entregaram suas atividades e saíram apressadíssimos para o intervalo das aulas. Nós seguimos, com muitas inquietações, com a sensação de querer saber mais sobre aquele professor e alunos, mas sabendo que muitas experiências ainda viriam nos dias seguintes de estágio.

Após a aula, decidimos conhecer um pouco sobre a biblioteca da escola, a fim de vermos qual suporte bibliográfico a escola disponibilizava para as aulas de artes. Chegando lá, nos deparamos com uma senhora muito simpática que trabalhava e cuidava da biblioteca com muito zelo. Fomos rapidamente acolhidas e pedimos para conferir a bibliografia de artes que se encontrava naquele espaço. Ao olharmos, encontramos o livro utilizado pelo professor de arte, que se chamava Arte em interação – Hugo B. Bozzano e Arte em interação II – Hugo B. Bozzano. Achamos os livros maravilhosos e descobrimos que eram escolhidos em consenso pelos professores com respeito

às suas matérias. Não eram livros fechados somente à história da arte, apresentavam



Figuras 17-18 - Livro didático de Artes, Paola Morais, 2018.

temas como as linguagens do corpo, Arte africana brasileira, atitude política, arte e tecnologia, etc.

Após isso, conversamos com o professor João, que nos respondeu algumas inquietações. Ele nos disse que não tinha suporte para realizar projetos voltados a artes em si na escola, pois só podia participar de projetos quando englobavam todas as disciplinas. Disse também, que na escola havia uma maior valorização de outras disciplinas em relação à artes. O que não nos deixou surpresas, pois particularmente já esperávamos por isso por termos visto a mesma situação durante praticamente nossa vida escolar toda.

Ouvimos a campanha novamente tocar e o professor nos chamar para a próxima aula, em uma turma de segundo ano dessa vez. Chegando lá, nos apresentamos e sentamos com a turma, começando novamente nossas observações. Caímos de paraquedas em meio ao conteúdo que já estava sendo abordado há um tempo pelo professor.

Percebemos que como na turma do primeiro ano, os alunos não estavam se importando tanto com a aula, ninguém havia feito uma atividade que o professor havia passado na aula anterior, por exemplo. Algumas semelhanças que se repetiam. Com isso, o professor aplicou uma atividade avaliativa em dupla sobre o impressionismo, assunto que segundo o professor eles já vinham tratando nas últimas aulas. A atividade avaliativa consistia em os alunos terem de trabalhar a arte através de imagens, como em pesquisas de obras de arte, desenho e releitura.

Sentimos, como na aula passada, o professor desanimado, sem propor debates ou qualquer ação que fugisse àquele clima homogêneo do ensino tradicional, usando a metodologia de passar assunto, revisão e prova. Nos sentimos tristes novamente em percebermos os alunos fazendo releituras como mais um trabalho qualquer, sem vontade ou

ânimo algum, apesar de reconhecermos a tarefa não tão simples que era ter uma dinâmica na sala de aula com entusiasmo de ambas as partes.

Dessa vez o tempo correu mais rápido estranhamente, ouvimos a campainha tocar, os alunos não conseguiram terminar a atividade e prometeram a continuação para a próxima aula. Assim, nosso primeiro dia de estágio se deu por concluído, com muitas inquietações, ideias e conosco saindo mais curiosas do que chegamos lá.



Figura 19 - Desenho da série
Diversidade Feminina de Aline
Lima.



2.3 DESCRIÇÃO, OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO REFLEXIVA NAS AULAS DE ARTE

*Figura 20 - Aluna realizando
atividade de artes, Paola
Morais, 2018.*

Em nosso segundo dia de estágio, chegamos à escola com mais confiança e já conhecendo o ambiente de certa forma, já havíamos conseguido nos situar pelos dias anteriores em que fomos lá.

Adentramos a sala de aula de uma turma de segundo ano com o professor João, do mesmo modo que nas aulas passadas, nos sentamos e começamos as observações.

Em uma folha A4 colada no centro do quadro o professor mostrou aos alunos as técnicas de pincelada usadas nas pinturas impressionistas. Explicando que em sua maioria, a natureza era a temática principal das obras, os artistas em suas pinturas registravam as tonalidades que os elementos adquiriam ao refletir a luz solar em um determinado momento e que as figuras não deveriam ter contorno nítido. Pedindo assim para que os alunos desenhassem uma paisagem e pintassem de acordo com as características impressionistas, mais uma vez dando ênfase na reprodução técnica sem uma postura crítica em relação ao conteúdo.

Os alunos rapidamente se juntaram em seus grupos de amizade e fizeram a atividade a fim da melhor divisão dos materiais, já que a escola não os cedia, quem podia comprar trazia de casa e alguns o professor fornecia para a turma revezar entre si, como foi o caso



Figura 21 - Produção artística dos Alunos do segundo ano, Paola Morais, 2018.

nesse dia com as tintas que os alunos usaram. Começamos a observar o professor que parecia bem desmotivado, como já relatamos anteriormente. Os alunos pareciam ter uma certa liberdade de falar o que queriam com o professor, o que levou a nos questionar se aquilo seria algo bom ou ruim. Haja vista, que o professor aparentava não ligar muito para essas interações.

Ao final da aula, indagamos ao professor se ele tirava um tempo para a conversa com os alunos mais agitados, para saber mais deles e do porquê de toda aquela agitação em sala. O professor respondeu que só chamava a atenção e quando havia muita conversa encaminhava-os para a direção. Ouvimos a campainha tocar, era hora dos intervalos de aula e de mais um dia de estágio que chegava ao fim.

No terceiro momento que entramos na sala de aula, o professor como de costume já começou a passar/cobrar seu conteúdo, devido ao pouco tempo de aula, pensamos. Dessa vez ele pediu uma atividade que nos chamou a atenção de forma negativa. Ele pediu que a turma desenvolvesse uma atividade de desenho pontilhado que os alunos deveriam ter feito e ainda teve quem não fizesse. Ficamos um pouco incrédulas por uma atividade de desenho pontilhado ser passada para alunos de uma turma de primeiro ano, com capacidade para ações muito maiores, debates e reflexões. Alunos que estavam ali se limitando a fazer desenho pontilhado. Como esses alunos não achariam a matéria de artes apenas uma forma de se passar o tempo? Foi uma aula difícil para nós, mas seguimos em nossas observações e reflexões.

Vimos alguns alunos fazendo o trabalho e outros conversando, mexendo em seus celulares, etc., e o professor sempre blindado por sua mesa, sem interação alguma com eles. Logo, o horário da aula terminaria e a campainha bateria, chegando ao fim mais uma aula. Mais uma aula com tempo pequeno, com alunos que pareciam não se

importar e professor aparentemente cansado, sem motivação ou vontade de inovação.

Uma áurea de tédio se estendia por toda a sala, chegando até nós, isso nos fez questionar o que seria preciso para mudar aquilo, nos fez pensar sobre o quanto a ideia de que para uma aula ser levada a sério pela escola, precisava de que os alunos estivessem quase adormecidos, sem fazer borbulho algum. Quebrar aquela áurea de tédio seria uma atitude de coragem. Para Bell Hooks (2013), o entusiasmo no ensino é visto como algo que poderia perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizado. Entrar numa sala de aula munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo, sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto, poderia ser perturbador para a dinâmica homogeneizadora da escola.

Seguimos para a próxima turma, onde alguns alunos ficaram para uma reavaliação de média do bimestre para conseguir a nota necessária para a sua “aprovação”. Como instrumento de avaliação o professor pediu para que eles produzissem uma redação relatando sobre os conteúdos estudados no decorrer do semestre, que foram o pontilhismo e impressionismo. Uma das orientações do professor foi “Não é para escrever em primeira pessoa”. E automaticamente nos indagamos: Como assim? Porque os alunos não poderiam falar se colocando no texto? Observamos aí uma neutralidade na escrita com essa limitação dos alunos não poderem se colocar no texto, essa “neutralidade” na escrita foi duramente massificada numa construção de saberes normáscula, onde é buscado a neutralidade das experiências em detrimento de um conhecimento dito como universal.

Neste dia, quinto dia de nosso estágio, o professor anunciou aos alunos que estava se iniciando o segundo bimestre. O assunto do dia

era o pós-impressionismo. Nas aulas anteriores o professor já havia feito a explicação do assunto, então nessa aula seria proposta uma atividade de perguntas e respostas sobre o assunto copiadas no quadro pelo professor (constatamos que, definitivamente, esse era o método avaliativo mais usado pelo professor).

Diante disso, nos vieram reflexões: acreditamos que a aula de artes é um espaço para pensarmos a vida, sobre nós mesmos. Quando você limita os alunos apenas a estudar a história da arte ocidental, onde se fala apenas de artistas homens brancos e não abre espaço de visibilidade para artistas mulheres, negros, lgbts e demais grupos marginalizados, esses grupos não se veem inseridos nesse espaço historicamente negados a eles. Isso reforça a imagem do campo da arte como um espaço limitado, em que apenas determinados grupos podem ter acesso.

No sexto dia em que estávamos mais imersas e envolvidas com a dinâmica da sala de aula, percebemos que o quadro negro ainda era o molde centralizador do trânsito e da performance docente. O professor já estava copiando no quadro o conteúdo que nesse dia foi sobre os artistas brasileiros pós semana de 22. O assunto consistia em um apanhado sobre a vida e obra dos artistas Bruno Giorgi, Victor Brecheret, Alfredo Volpi e Cândido Portinari. O professor apenas falou do processo de criação das obras e os materiais utilizados por esses artistas.

Diante disso, ficamos refletindo sobre o quanto seria interessante se o professor abordasse o contexto em que tais obras da semana de 22 foram criadas e as histórias por trás dessas temáticas representadas nessas obras.

Entre essas obras destacamos o “monumento às bandeiras (1953)” de autoria de Victor Brecheret, localizado na entrada do parque Ibirapuera na cidade de São Paulo. Obra polêmica que divide opiniões por se tratar

de uma “homenagem” aos bandeirantes, inaugurada durante a comemoração do aniversário da cidade. Lugar onde se deu o início as campanhas ou bandeiras. Brecheret buscou representar aqueles que trouxeram o “progresso” para o país. Mas a real intenção desses “desbravadores” foi a captura da população indígena e negra para o uso como mão de obra escrava, financiadas por proprietários de terra que buscavam mão de obra para trabalhar em plantações. Resultando na destruição de quilombos, genocídio da população indígena contrária à colonização e à busca por metais preciosos.



Figura 22 - Colagem "Os Bandeirantes", Paola Morais, 2018.

Destacamos também, a obra “Os Heróis (1960)” ou “Candangos”, como é popularmente conhecida, do artista Giorgi, criada para homenagear a figura de dois trabalhadores que morreram soterrados durante a construção de Brasília. Os candangos eram chamados os trabalhadores que migraram de outros estados, principalmente do nordeste do país para a construção de Brasília.



Figuras 23 - Colagem "Candangos", Paola Morais, 2018.

Movidos pela esperança de uma vida melhor, chegando aos canteiros de obras depararam-se com exploração abusiva de trabalho (com jornadas de catorze a dezoito horas) e repressão à bala das suas tentativas de organização e revolta. O pouco que recebiam era insuficiente para

comprar lotes de terra em Brasília. Muitos voltaram para suas cidades de origem, outros acabaram por residir nas cidades vizinhas, existentes até hoje, com vários problemas como a má infraestrutura, ausência de transportes entre outros.

Bom, o que buscamos refletir com tudo isso, é que podemos sim inserir, fissurar o conteúdo de arte com questões como essas e que a arte em si tem um potencial crítico que pode e deve ser usado nas aulas para fazer provocações aos alunos.

A desigualdade social em nosso país, as questões políticas que querem extinguir a demarcação de terras indígenas, entre outros temas, são assuntos que podem ser trabalhados dentro do conteúdo e que são muito importantes para que os alunos questionem, entendam e conheçam a nossa história.

Ao entrarmos na sala de aula para mais um dia de estágio, o sétimo dia de estágio e observação para a pesquisa, o professor pediu dos seus alunos um trabalho que passou para entregar na aula passada, porém ninguém havia feito. À pedido dos alunos, ele aceitou que entregassem na próxima aula, porém ninguém fez também, ou seja, já era a segunda vez que ele acatava a esse pedido. Trabalho esse que era mais uma releitura só que dessa vez com um diferencial, usar materiais vegetais, como carvão, urucum, etc.

Neste dia o professor colocou no quadro suas formas de avaliação, que eram: Caderno, trabalho prático, presença e prova. Para nós, formas de avaliação bastante tradicionais e normásculas, claramente frisando o velho repassar de conteúdos que acontecia normalmente nas aulas. Nesse momento ouvíamos os alunos conversando bastante no fundo da sala, até enquanto o professor falava. O professor por si continuava com o mesmo posicionamento das demais aulas, não tomava nenhuma atitude quanto a isso, escrevendo no quadro o assunto. Momentos como

esse já estavam recorrentes.

Percebemos que o professor não parecia se atentar à conversa dos alunos, como já havíamos observado acontecer em aulas anteriores, que variavam em diversos temas, como comentários homofóbicos ou voltados a sexualidade de uma forma pejorativa e sarcástica. Sem problematização alguma por parte do professor ou reflexão acerca das conversas de seus alunos. Assim, a aula seguia até terminar, com o mesmo ar cansativo das demais.

A expectativa para uma modificação de postura das aulas de arte ou no ensino regular parecia não findar e no oitavo dia ao adentramos a sala de aula como de costume, o professor já foi logo de cara passando uma atividade, devido ao pouco tempo de aula, ele sempre tinha que chegar na sala logo copiando no quadro ou passando atividades, acreditamos. A atividade consistia em que os alunos montassem duplas, trabalhando com um texto de uma página sobre o pós-impressionismo. Deixando com que em um primeiro momento os alunos lessem a folha com o texto e ao terminarem todos poderiam fazer a atividade avaliativa. Uma atividade sobre perguntas e respostas referentes ao texto sobre pós-impressionismo.

Observamos os alunos rapidamente começarem a fazer a atividade, a sala ficou em silêncio pela primeira vez desde que estivemos lá. Era como se eles estivessem concentrados em tentar conseguir os pontos do trabalho, já que o professor havia dito o tanto de alunos que estavam precisando de pontos avaliativos, e não eram poucos por sinal. Nesse momento avistamos dois alunos que estavam do nosso lado, um deles passava “cola” para o outro, de forma que o professor não pudesse ver, porém, sem receio algum de nossa presença ao lado deles. Isso só nos fez confirmar nosso pensamento de que eles só faziam a atividade para conseguir os pontos e não para adquirir conhecimento

ou algo assim. Nos questionamos após isso até quando os alunos de artes ou seja lá qual matéria for estudarão sem vontade própria, somente decorarão momentaneamente um conteúdo para passar de ano?

No nono dia de observação na sala de aula, após nos sentarmos junto dos alunos como de costume e eles começarem suas conversas em volume alto dentro da sala e aquelas típicas “bagunças”, algo atípico aconteceu, o professor resolveu afastar os alunos que estavam fazendo bagunça, pela primeira vez ele parecia se importar de fato com o que ocorria ali com seus alunos, foi surpreendente, porém bastante autoritário, o que nos levou a pensar sobre essa polarização que ocorre nos comportamentos dentro da sala de aula, talvez pelo pouco tempo de aula, não houvesse como conciliar um momento para que os alunos conversassem entre todos de forma a dividir seus pensamentos e também a voz do professor que para ser ouvido acabou sendo autoritário.

E continuou-se sua aula sobre a arte na Grécia.

O professor começou a escrever no quadro enquanto alguns alunos copiavam e outros pareciam não se empenhar propositalmente, conversando alto e fazendo bagunça, por isso a represália do professor em separá-los.

Geralmente as aulas possuíam 45 minutos, o que deixava com que o professor apenas escrevesse no quadro o conteúdo ou passasse uma atividade, os dois geralmente não dava para fazer, que dirá ter um diálogo com a turma. Aí começamos a entender o porquê da falta de algumas ações por parte do professor; falta de tempo? Cremos que sim. Porém também pensamos que até em pequenos espaços de tempo podia-se reservar um pequeno momento para tais ações como diálogos e debates.

Após o termino dessa aula nos direcionamos para a outra turma, uma turma de terceiro ano. Chegando em sala, percebemos que a dinâmica da aula seria a continuação da aula anterior, através de um questionário

para avaliar a fixação do conteúdo proposto, os artistas brasileiros do período pós semana de arte moderna e também para lembrar aos alunos sobre a atividade anterior solicitada, chamada por ele de “pesquisa visual” de doze obras dos artistas estudados. E o terceiro momento posteriormente seria a releitura das obras de um dos artistas estudados, Volpi.

Percebemos nessa aula e nas outras anteriores, a ênfase apenas no conteúdo, vida e obra dos artistas. Em alguns momentos tivemos a esperança de que houvesse a contextualização desses assuntos, mas tudo se resumia em uma aula conteudista e distante da realidade dos alunos.

O que mais nos inquietou foi a ausência de diálogo com os alunos, reforçando a posição hierárquica entre docente e discentes.

Adentramos a sala juntas ao professor e como de costume fomos nos sentar junto dos alunos a fim de começar nossas observações. Nisso já estávamos no décimo encontro. Depois de uns minutos em silêncio arrumando suas coisas em cima de sua mesa, o professor pediu para que os alunos formassem grupos de três pessoas para uma atividade.

No quadro ele começava a escrever a atividade. Releitura, novamente, de uma arte egípcia dessa vez. Percebemos que pedir releituras já se tornara automático por parte do professor, talvez por ser fácil ou por ser uma boa saída para uma aula com pouco tempo e alunos e professor desanimados? Nos indagamos.

Antes do início da atividade o professor passara uma espécie de revisão bem rápida, falando um pouco sobre a pintura, arquitetura e escultura egípcias. Em certo momento da explicação vimos a turma empolgada, pois, o professor havia falado que a arte egípcia retratava a morte, nesse momento os alunos todos pararam para prestar atenção no que o professor falava, mas por quê? Nada daquele interesse foi questionado ou debatido, nos inquietamos, pois, gostaríamos que uma discussão houvesse e se estendesse, para que se ouvisse mais os alunos, talvez, mas a aula



acabou se resumindo aos olhos curiosos dos alunos e cochichos. E no fim a uma simples releitura.

Os alunos tiveram que correr para finalizar a atividade já que eram apenas cinquenta minutos de aula, acabando por não fazerem e

nem conseguirem terminar a atividade, afinal, fazer uma releitura é algo bastante abstrato parando para se pensar.

De repente a campainha tocara, era hora do intervalo. Os alunos se direcionaram como todos os dias nesse horário para a cantina da escola.

Nós nos direcionamos para casa, mais um dia de estágio chegava ao fim.

No dia seguinte, em nosso décimo primeiro dia de estágio, o professor resolveu passar vídeos sobre o assunto que estava tratando ali naquela turma, o impressionismo. Passando o vídeo denominado “Os impressionistas: Vincent Van Gogh”. Nesse momento ficamos sabendo que o horário de aula estava sendo reduzido naquela semana, por conta de ensaios que os alunos estavam fazendo no fim de todas as aulas para a quadrilha da festa junina da escola.

Com o horário reduzido, a aula que já era pequena ficava minúscula, dando literalmente pra passar apenas um vídeo pequeno, que foi o caso do vídeo que o professor passou.

O vídeo começava como uma espécie de mini documentário sobre a vida de Van Gogh, logo nos vimos presas no vídeo, muito interessadas.

Mas então ouvimos os alunos no fundo da sala fazendo “bagunça”, e quando dizemos “bagunça” queremos dizer, gritaria, bolinhas de papel voando e por aí vai. Isso tudo nos levou a pensar em mais um papel que o professor tem que fazer, o de lidar com

Figuras 24-25 - Figurinhas Van Gogh -
Reprodução: google imagens.



essas questões, de ter que de certa forma disciplinar aqueles jovens, porém disciplinar seria o certo? Ou só fazer com que de fato eles fizessem parte daquela aula?

Num segundo momento os alunos resolveram todos prestarem atenção no vídeo, por que realmente estava interessante, achamos magnífico. Ao final do vídeo sobraram alguns minutos e o professor passou outro vídeo mais curto em que youtubers explicavam de forma divertida a vida de Van Gogh. Foi realmente magnífico, havia brilho nos olhos dos alunos, sorrisos e o melhor: interesse pelo conteúdo. Os alunos adoraram, riram, se divertiram, todos prestaram atenção. Isso nos fez questionar o que faz os alunos se interessarem, tem que haver diversão? Tem que falar a mesma “língua jovem” que eles? Mas como o professor com todo seus estigma tradicionalista poderia estar livre para fazer isso? Sairíamos daquela sala muito mais curiosas do que entramos, mas com muito mais conhecimento e vivência.



Figura 26 - Exposição de vídeo na sala de aula, Aline Lima, 2018.

Alguns alunos demonstravam interesse, perguntando onde poderiam olhar os vídeos com mais calma. Ficamos pensando o quanto seria legal se o professor trouxesse para eles assistirem o filme Love Vincent que fala um pouco sobre Van Gogh de uma forma menos informativa e mais poética. Por se tratar de uma animação produzida toda pintada por

diversos artistas reproduzindo em suas cenas traços característicos das obras do pintor. Pensamentos de uma futura docência nos inquietaram. Após a campanha bater, nos direcionamos à segunda turma de segundo ano. O conteúdo era o mesmo: Impressionismo – Vincent Van Gogh. Só

que

ao invés de vídeos o professor passou uma atividade avaliativa logo ao chegar na sala, tal atividade consistia em uma folha com afirmativas sobre a vida de Van Gogh em que os alunos haveriam de marcar verdadeiro ou falso. Ficamos cheias de indagações, do tipo como aprender assim? Fazendo questões de verdadeiro ou falso? Uma discussão ou algo mais criativo não seria mais proveitoso? Mas também havia a questão do tempo, como lidar? Depois de tudo nos concentramos nos alunos fazendo as suas atividades, a campanha tocou e mais um dia de estágio chegou ao fim.

No dia seguinte demos início ao nosso décimo segundo dia de estágio. Ao chegarmos na cantina o professor chegou com alguns materiais e os alunos também. Se tratava da ampliação de desenhos em papel quarenta quilos com o tema sendo uma releitura de uma obra de Volpi, lembrando a festa junina, para estampar as barracas juninas dos alunos na festa da escola. Seguimos em direção às mesas do refeitório da escola com espaço maior para a realização dos trabalhos. Com os esboços dos desenhos os alunos começaram a pintura no papel. Logo, os alunos começam a fazer suas ampliações, parecendo até animados, nós ficamos observando. Então o professor chegou com papeis para que os alunos pudessem colocar em baixo de seus trabalhos a fim de não sujar nenhum pouco qualquer parte da mesa da escola em que faziam os trabalhos. Logo escutamos o professor dizer “Se vocês sujarem cuidem de limpar, pois sabem como é o jeito da diretora”. Nesse momento paramos e pensamos, uma sensação de revolta nos tomou conta e nos indagamos: “como assim?”, como assim a escola não

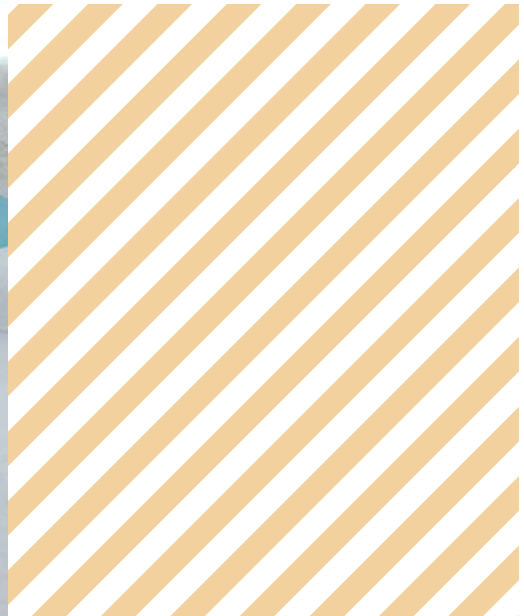
pertence aos alunos para que eles não se sintam parte dela tendo que a todo o momento se vigiarem para não cometerem um deslize?

Sabemos o quão importante é ter responsabilidade pelo ambiente em que frequentamos, porém, segundo alguns comentários que ouvimos de alunos, aquilo era quase que como uma mania de perfeição e limpeza que a diretora da escola possuía e transpassava à eles. O que nos fez voltar na questão do ambiente higienizado da escola que tanto se buscava manter.



Figuras 27-28-29 - Ambiente escolar higienizada, Paola Morais, 2018.

Sentamos próximo de alguns alunos, aos pouco fomos conversando e tentando compreender qual sentido a aula de arte despertava neles. Ajudamos o professor a produzir as misturas de cores e uma de nós, mais habilidosa no desenho ajudou alguns alunos no seu desenho de uma fogueira. Entusiasmados pediram mais, diziam: “A senhora não quer fazer um casal junino bem aqui?”, “Por favor”, “Ajuda a gente tia”, e por aí vai. Foi um contato magnífico, ter essa interação com eles pela primeira vez, apesar de nosso estagio ser apenas de observação.



Figuras 30-31 - Atividade de artes na cantina, Paola Morais, 2018.

Entre conversas informais, perguntávamos aos alunos o que eles achavam da matéria de arte, se gostavam das aulas práticas. Eles diziam que sim e um aluno em específico questionara o professor se ele poderia fazer algo diferente na composição de suas bandeirinhas, mas o professor nos dissera que seria apenas pintura. Todos pareciam bem engajados desenvolvendo suas obras. Acabamos conversando assuntos fora do campo da arte como a legalização da maconha, surgindo até um debate entre os alunos com posicionamentos diferentes, cada um com argumentos já construídos.



Figura 32 - Bandeirinhas, Paola Morais, 2018.

Em nosso décimo terceiro dia de estágio a aula foi novamente na sala de multimídia. Chegamos junto com o professor e os alunos, fomos nos acomodando e começando nossas observações.

O conteúdo daquela aula era um vídeo sobre a arte no Egito. Achamos o vídeo cansativo, não conseguimos nos concentrar e vimos que os alunos também não, muitos dormiam enquanto o vídeo passava. O horário era reduzido novamente, o vídeo acabou e pouco pudemos observar daquele momento.

De repente a campainha bateu, acabava ali uma aula. Logo, o professor nos chamou para irmos para a outra aula em uma turma de segundo ano. O conteúdo a ser abordado em aula seria a continuação das aulas anteriores, o Pós Impressionismo. Entre os artistas que fizeram parte desse período o professor destacou três artistas: Van Gogh, Paul Gauguin, Paul Cézanne. Porém, essa aula de hoje seria direcionada para a vida e

obra de Paul Gauguin. No começo do vídeo pudemos ouvir uma aluna falando “Ah não, Impressionismo de novo!”. Ficamos a pensar no quanto ela já estava saturada desse conteúdo e como seria interessante uma prática que buscasse o envolvimento nas aulas.

O conteúdo da aula era um vídeo sobre o artista impressionista Gauguin, o vídeo mostrava sua relação com o artista Van Gogh, vídeo este que de forma sucinta mostrou os fatos e características da vida e obra de Paul Gauguin. Com uma vida voltada para experimentações da sua paixão pela pintura, Gauguin visitou vários lugares. Através da amizade com um marchand irmão de Vincent Van Gogh, desenvolveu uma amizade com Vincent. Com a insistência de Van Gogh, Gauguin aceitou ir visitá-lo na cidade de Arles, onde tinha alugado uma casa com o sonho de criar um reduto de artistas. A convivência entre os dois não deu muito certo, resultando em um briga e assim o fatídico episódio do corte da orelha de Vincent.



Figura 33 - Exposição de vídeo sobre Gauguin, Aline Lima, 2018.

Gauguin via a arte como forma de representação da imaginação, abandonando as características impressionistas empregou em suas obras cores mais fortes. Algo que não foi bem aceito no circuito de arte em Paris, decidiu então mudar-se para o Taiti, onde encontrou um cenário perfeito para a criação de suas obras. Representando as mulheres locais e paisagem exuberante, Gauguin representava-as de maneira sensual.

Até aí tudo tranquilo. De repente o narrador do vídeo falou que Gauguin casou-se com uma adolescente de doze anos e outra de quatorze, nesse momento paramos e entramos em choque, todo o sentimento de admiração que havíamos cativado por aquele artista e suas obras tornou-se asco e revolta, junto conosco, os alunos também, que começaram a gritar “Pedófilo!”.

Nesse momento uma sensação de alívio percorreu em nós, alívio por aqueles alunos reconhecerem algo tão grave e ficarem tão indignados quanto a gente. O professor apenas ignorou o fato, sem problematizar ou abrir um debate acerca daquilo. Nos sentimos extremamente frustradas, pois, nos questionamos o porquê de estudarmos artistas pedófilos em pleno século XXI, foi extremamente revoltante. E além do mais, o quão necessário é a conscientização acerca da pedofilia para adolescentes e crianças? Não houve sequer uma palavra de repúdio por parte do professor, foi um momento angustiante e de muita revolta. A partir dali a aula se seguiu e o professor começou a comentar alguns fatos sobre Gauguin, um deles que chamou atenção da turma foi que Gauguin poderia ter tido um relacionamento amoroso com Van Gogh, o que fez a turma soltar piadas homofóbicas do tipo “Artista é gay na maioria das vezes, né?”. Todos riram, inclusive o professor. Dentro de nós, inquietações e revoltas, pois até quando homossexualidade será vista como piada? Ou será permitida como piada dentro de salas de aulas por professores que deveriam pregar o respeito à diversidade?

Difícil de acreditar naquelas cenas.

No fim do vídeo, o professor abriu discussões sobre o que eles acharam e alguns se manifestaram com falas do tipo: “professor ele era pedófilo!”, “as obras dele são sexuais demais!”. O professor explicou que ele realmente tinha se relacionado com essas meninas e que algumas obras chegaram a ser queimadas pela igreja por representarem cenas sexuais, mas não problematizou isso.

Esses alunos pareciam mais participativos com a aula, houve um aluno que fez uma observação bem interessante, ele disse: “Professor, hoje eu vejo que as pessoas não são muito interessadas por arte, elas só querem saber da arte feita no passado”, percebemos nesse comentário o quanto é necessário trazer os conteúdos para a vivência deles.

Muitos, acreditamos, nunca tiveram contato com a arte contemporânea e outras expressões artísticas, não sendo somente pintura. Ficamos a pensar o quanto gostaríamos de criar uma aula para esses alunos apresentando um outro olhar sobre arte, mais próximo e com envolvimento deles no processo de criação desses saberes em sala de aula. Quanto mais observávamos, mais sentíamos uma certa urgência e anseio de estarmos em sala de aula, entrarmos em contato com esses alunos e mostrarmos, talvez, o quanto a aula de arte poderia ser um espaço de criação e questionamentos.

Rebatendo o comentário do aluno o professor falou que era necessário eles estudarem esses artistas, pois quando eles estudarem os movimentos posteriores esse conteúdo seria necessário.

Ficamos a pensar o quanto seria interessante entrar em contato com os alunos, saber o que eles pensam, o que gostariam de estudar em artes. A aula seria mais vivificada se eles fizessem parte dessa construção e conseqüentemente teriam um outro olhar em relação sobre o fazer arte. Pois ouvimos alguns comentários do tipo “ninguém gosta de arte”, o que nos marcou bastante.

Foi um dia tenso, nossa vontade era de abrir um diálogo com eles, questioná-los do porquê de suas chacotas, de seus achismos, fazê-los refletir, fazer-nos refletir juntos. Felizmente sentimos que isso chegará com a futura docência que nos aguarda, lá quem sabe poderemos ter esses questionamentos com nossos futuros alunos, ou talvez não, pois sabemos que não é tão fácil assim, não só o professor pode alimentar a

dinâmica da sala de aula.

Depois de observar a vivência do professor e alunos, buscamos então as fissuras que indagamos em nossa problemática, assim partimos de uma conversa com o professor, para em um primeiro momento podermos tentar perceber o que ele consciente ou inconscientemente fissurava em seu currículo.

No dia 10 de maio de 2018 foi o momento de ouvir o professor. Nos sentamos com o professor na sala dos professores da escola e começamos a conversar sobre diversas coisas, mas principalmente sobre a vivência de se ser professor de artes.

O professor nos contou um pouco sobre seus conteúdos na sala de aula, dizendo que voltou a abordar a arte rupestre porque cai no Exame Nacional do Ensino Médio, que por ser um tema simples não se levava a sério e os alunos acabavam perdendo questões fáceis, ligando a arte rupestre a algo infantil, por isso ele havia resolvido bater bastante na tecla desse tema.

Para finalizar, o professor nos contou um pouco sobre a sua carga horária, haja vista, que percebemos o quão corridas eram suas aulas. Ele nos contou que achava justificável a menor carga horária das aulas de artes, não por achá-la menos importante, mas por achá-la menos complexa, admitiu. Dizendo que as outras matérias eram a base do Enem, mas não achava suficiente, ainda assim.

Ao final de nosso estágio supervisionado I tivemos impressões de que o que mais se sobressaiu em nossas experiências foi a falta de incentivo da escola para com a disciplina de Artes. Dificultando, assim, a desenvoltura dos alunos e do professor de Arte. Observamos que o professor até tentava inovar em seu ensino e práticas educativas, porém a estrutura e pouco incentivo escolar o desmotivava e atrapalhava. Ele acabava se conformando com práticas repetitivas e desestimulantes, como o simples

repassar do conteúdo de história da arte, como na educação bancária.



Figura 34 - Índia Café, Aline Lima, 2017.

**3 INSTANTES DE POSSIBILIDADES DOCENTES:
FISSURAS E PERSPECTIVAS DA AÇÃO
EDUCATIVA EM ARTE**



*Figura 35 - Prática de Artes
no refeitório da escola, Paola
Moras, 2018.*

A percepção mais forte que podemos destacar tanto baseado nas observações quanto na conversa que tivemos com o professor é de que a abordagem pedagógica e metodológica da docência em artes visuais é que os temas obedeciam a sequência cronológica histórica do ocidente.

Isso quer dizer que o que estava em pauta para os conteúdos se mantinha na dinâmica histórica ocidental dos movimentos artísticos e estéticos com a história da arte. Porém, queríamos mesmo era saber sobre as questões que estavam fora do currículo oficial. Aquelas práticas que mesmo sem se dar conta professores e alunos mobilizam seu fazer e seu saber docente.

Esse desejo vem ao encontro da cultura visual ou das visualidades que são produzidas nos entremeios dos modos de ver com o professor, o aluno e o currículo. Ou melhor, o currículo oculto, como nos explica

Candau:

“(...) Trata-se do chamado currículo oculto, que envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia, Fulana, Professora etc); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de família que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média).” CANDAU, 2007. Pg. 18.

Diante disso, questionamos o professor se ele tratava essas questões, sobre a vivência dos alunos e temas emergentes na vida dos mesmos dentro da sala de aula. Vimos que o professor tinha o desejo de fissurar esse currículo quando, prontamente nos respondeu que era procurado

relacionar tais questões sempre com os projetos da escola, como o projeto chamado “consciência negra”, que era um grande projeto da escola, onde os alunos se envolviam e abordavam outras áreas como a música, dança, cultura, etc. O objetivo principal do projeto de

consciência negra que acontecia na escola era de conhecer a cultura negra, segundo o professor, pois muitos alunos apesar de terem nascido aqui no Amapá se quer sabiam o que era marabaixo, por exemplo, não conheciam sua própria cultura. O projeto também falava da questão do preconceito, conscientizando culturalmente os alunos, a fim de que estes entendessem o quão inaceitável é o racismo e também conhecessem a cultura negra mais a fundo.



Figura 36 - Aluna usando camisa do projeto escolar Consciência negra, Aline Lima, 2018.

Contudo, na observação que fizemos os dados apontavam que a discussão e a vivência externa do aluno só era abordada na primeira aula, quando o professor perguntava aos alunos que tipo de arte eles gostavam ou coisas

relacionadas à sua vivência, ficando o restante das aulas voltadas ao conteúdo programado pelo professor em seu plano de aula. Essa ação parecia insinuar uma relação de educação do professor e o aluno onde envolvia uma relação de aparente preocupação com os saberes e vontades dos alunos, mas que imediatamente voltava para o conteúdo sério e mais importante da história da arte conforme foi descrito a partir das observações no local da sala de aula.

Os projetos articulados e bem planejados pelos professores funcionavam como uma espécie de arcabouço para dar conta de tudo que não era conteúdo específico. Sobre isso, nos contou o professor, que um dos projetos chamado: "Inclusão" trabalhava os aspectos simbólicos, abordando a inclusão de pessoas com necessidades especiais e deixando os alunos livres para criar suas pinturas a partir desse tema. As pinturas eram realizadas em telas, segundo o professor, o grande problema de fazer um trabalho assim era a dificuldade financeira dos alunos em contribuir com materiais, já que a escola não os disponibilizava, sobrando assim para que o professor ou alunos arcassem financeiramente se desejassem ir em frente com um trabalho que necessitasse de quaisquer materiais artísticos.

Figuras 37-38 - Produção artística dos alunos no projeto denominado "Inclusão", Paola Morais, 2018.



Pudemos perceber que a compreensão do ensino de arte utilizando materiais atrelados ao fazer artístico com as artes plásticas estavam voltados para o fazer artístico e o conteúdo discutido era um apêndice desse fazer. A sistemática desse fazer pedagógico não levava em conta os recursos econômicos vividos pela escola, embora o professor estivesse consciente dessa falta dos alunos. Não perceber e recriar práticas educativas que ampliem o alcance da potência da ação artística e estética da arte em detrimento a um fazer estilístico para nós é uma das posturas mais normásculas do saber docente que foi implantada nas visualidades da formação docente do professor de arte.

Destacamos ainda a conversa com a coordenadora pedagógica da escola, quando ela nos disse que os professores tinham autonomia em seus conteúdos, para criar, interferir, bastando ter vontade de fazer. Ficamos curiosas com essa afirmação e perguntamos ao professor se isso realmente ocorria, ele nos respondeu que: Sim, pois tudo o que ele passava em sala de aula estava em seu planejamento, o que ia diferenciar na hora da aula era a metodologia, o conteúdo era aquele, mas a forma que o conteúdo era aplicado poderia ser diversa, como por exemplo, em projetos.

Na bibliografia o professor utilizava livros que os alunos tinham acesso na biblioteca e que eram volume único, ou seja, um livro para vários anos do ensino médio. Ele criticou muito esses livros, pois, acreditava que volume único era complicado para se usar com os alunos já que não se estava em uma sequência cronológica, e segundo ele, a forma de abordar do livro era a mesma usada no sul e sudeste e não se adequava à nossa realidade, pois não tratava da cultura regional ou vivência dos alunos, aliás, nenhum livro que a Secretaria de Educação forneceu tratava disso, levando o professor a ter vontade de ele mesmo fazer uma busca por esses conteúdos regionais sobre música e vivência dos alunos culturalmente.

Muito relevante foi uma das fala do professor que ele sempre procurava inserir essa cultura regional no conteúdo das aulas, mesmo que no livro didático essas dimensão não fosse contemplada, como por exemplo, no renascimento em que ele falava da escola de Artes local, a Cândido Portinari. Mas observamos que as condições regionalistas específicas da região norte, Amapá estavam ou vinham acompanhadas de uma relação da história da arte e a correspondência dos estilos vividos por alguma temporalidade histórica e cronológica da historia da arte.

A falta de incentivo da escola à coletividade existencial do professor na escola era evidente. As ações artísticas que precisavam ser ou ir para além da sala de aula comprometiam o físico e o psicológico do docente. E ainda se o professor fizesse algo para que ocorresse exposições ou algo diferente, era ele ou na maioria das vezes os alunos que arcavam com toda a despesa de material para a produção. Sem apoio algum da escola, dificultando tais atividades, o professor se via em meio a repetição de ações educativas que tinha no conforto do quadro negro sua maior desenvoltura. Quando os alunos faziam os trabalhos, a escola também não se importava com tais, em pelo menos expô-los ou incentivar a vocação do aluno artista, isso deixava professor e alunos desmotivados, como pudemos perceber no clima das aulas que observamos.

Isso tudo nos deixou muito tristes, pois nós mesmas já havíamos observado o quanto a escola era um ambiente higienizado, sem cor ou vivência dos alunos, sem se quer um mural no corredor ou algo que lembrasse que haviam alunos artistas e com criatividade ali. Embora com tamanha tristeza, ficamos satisfeitas por enquanto em saber a visão do professor daquilo tudo e nos projetamos também em seu lugar como futuras professoras de artes, daqui a pouco seríamos nós ali, tais informações só nos fizeram ter mais noção do ambiente que teremos que lidar brevemente.

Figura 39 - Colagem dos Lambe-lambes, Aline Lima, 2018.



3.1 DESEJOS DE FISSURAS, RISCOS DE APRENDIZAGENS, PESQUISAS E DESEJOS DA DOCÊNCIA.

Nesse capítulo intentamos realizar aulas conforme os nossos desejos docentes e sobretudo tentando colocar em ação todas aquelas aprendizagens que tanto nos nutriram durante os quatro anos do curso de licenciatura em artes. Em formato ainda de diário descreveremos esses momentos e articularemos breves reflexões sobre as possibilidades de fissurar o currículo e manter viva em nós a dinâmica inventiva e autoral de entender a docência em artes visuais.

Decidimos realizar o estágio II na escola que estagiamos no bimestre passado, por já termos uma familiaridade com os funcionários da escola, professor e os alunos. Levamos os documentos do estágio sem saber ao certo se íamos ser aceitas pela escola novamente. Chegando à escola encontramos a coordenadora pedagógica, animada por nos ver novamente, ela aceitou que estagiássemos lá e nos disse que deveríamos falar com o professor de Arte. Por sorte, saindo da coordenação encontramos o professor, perguntamos se ele aceitaria que estagiássemos com ele, respondendo que sim e logo marcamos um próximo encontro na escola para conversarmos sobre como se realizaria o estágio.

Realizamos sete aulas com os três anos do ensino médio.

No dia 10 de outubro de 2018, demos início a nosso estágio supervisionado II, que consistia em que adentrássemos a sala de aula e executássemos aulas para com os alunos. Bom, nossa preparação para esse estágio se deu dias antes, já que precisaríamos criar uma aula para os alunos de acordo com os temas que o professor estivesse passando.

Então fomos conversar com o professor acerca dos assuntos que ele estava trabalhando em sala de aula, junto com ele nos reunimos na sala dos professores, onde perguntamos como poderíamos contribuir intervindo em suas aulas e em seu planejamento. Ele disse que os conteúdos que estava trabalhando com as turmas de ensino médio, que ele lecionava no período da tarde, eram os movimentos artísticos da história da arte e que poderíamos criar propostas de aula com esses conteúdos.

Os conteúdos programáticos das respectivas turmas foram: para os primeiros anos ele já estava abordando o período do renascimento nas artes. Nas turmas de segundo ano o cubismo, fauvismo, surrealismo e dadaísmo. Nos terceiros anos estava sendo abordado o movimento da Pop arte. Perguntamos então quais foram os pontos já trabalhados por ele, para assim criarmos práticas a partir do que já tinha sido colocado. Usamos a semana anterior ao estágio para nos articularmos acerca de como daríamos nossas aulas, que linguagem usaríamos ou quais posturas teríamos também. Por acreditarmos na educação como forma de liberdade e no potencial da arte enquanto disciplina que provoque inquietações, reflexões e apontamentos da realidade queríamos uma aula que não ficasse só em um repassar e receber de conteúdos ou em uma hierarquia que criasse uma linha que nos separasse dos alunos.

Apesar de termos que passar os assuntos, tentaríamos que fissurar aquilo, fosse com palavras ou com o modo de nos portarmos em sala de aula.

Logo, para barrar essa linha imaginária que ficaria imposta entre professor e alunos pensamos na ideia de nos reunirmos em uma grande roda de conversa com os alunos, para que cada um pudesse se enxergar e saber que iria ser ouvido.

Sobre os conteúdos, buscamos pegar vídeos explicativos sobre os assuntos e focar mais na atividade reflexiva. Ficamos a pensar como poderíamos trabalhar em cima desses conteúdos, sem cair em uma aula de arte entediante e sem o mínimo de contextualização com o cotidiano dos alunos. Sentamos na frente do computador, pesquisamos e pensamos: “bom, vamos começar pelo renascimento, o que pode ser interessante trazer do renascimento para uma experiência e indagação em sala de aula?”.

Primeiro, pesquisamos sobre esse período da história em que houve uma ruptura de pensamento e da hegemonia que a igreja exercia sobre a

sociedade da época. O renascimento quis trazer de volta o homem ao centro junto de uma forte valorização pela racionalidade e a ciência. As artes também se influenciaram por essa revolução do pensamento, isso foi conhecido como humanismo. Em suas representações, que antes eram apenas voltadas para temas religiosos, o homem passou a ser representado nas pinturas, esculturas através de cenas de temas mitológicos, cenas do cotidiano e histórias bíblicas.

Refletindo sobre esse contexto social da época, pensamos nos artistas que mais se “destacaram” e que sempre ouvimos falar sobre eles como verdadeiros mestres. Então pensamos em nossa problemática dessa pesquisa, que têm forte ligação com o feminismo, e nos indagamos “que tal falarmos sobre as artistas mulheres do renascimento?”, lembrando-nos que durante nosso ensino de arte na escola e na universidade estudando esse movimento só nos tinha sido apresentados artistas homens. Então começamos a pesquisar sobre a produção de artistas mulheres no renascimento.

Achamos alguns artigos na internet que citavam artistas mulheres no período do renascimento, mas que foram tão invisibilizadas que nunca antes tinha se ouvido falar sobre elas. As artistas mulheres que mais se destacaram foram: Sofonisba Anguissola, Propézia de’ Rossi e Lavinia Fontana. Lendo sobre essas artistas percebemos o quanto a sociedade



Figuras 40-41-42 - Retratos das artistas Lavinia, Sofonisba e Propézia. - Reprodução: google imagens.

limitava a expressão e o exercício de uma mulher como artista, pois esse ofício era apenas atribuído aos homens.

Então pensamos que seria interessante falar sobre essas mulheres e puxar uma reflexão sobre a invisibilização da mulher como artista, mas que era objeto de representação de várias obras de artistas homens. Se pararmos para analisar as pinturas do renascimento, a maioria são de mulheres desnudas retratadas. E aí nos veio o questionamento: “As mulheres estão sempre nas representações com seus corpos exibidos e sexualizados, mas o lugar como artista é negado a elas”. A arte sempre foi machista.

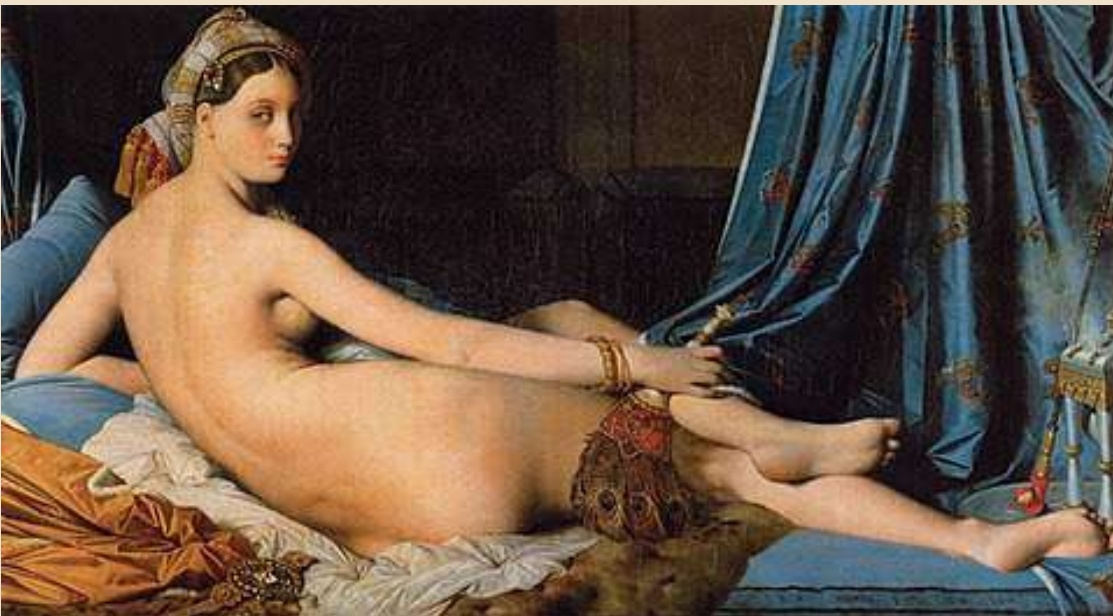


Figura 43 - La Grande Odalisque,
Jean Auguste Dominique Ingres,
1814.



Figura 44 - Guerrilla Girls, Do women have to be naked...?, 1989.

Bom, já tínhamos a teoria, precisávamos da atividade prática. Com alguns dias até a entrega dos planos de aula, ficamos buscando inspirações para uma possível prática que aliasse a compreensão dos alunos com o conteúdo e que instigassem um entusiasmo e participação deles. Nos veio a ideia de uma proposta que envolvesse fotografia, um objeto contemporâneo e que talvez pudesse envolver os alunos. Com isso, pensamos na conexão disso com o assunto e nos veio em mente a produção de autorretratos.

Essa produção dos autorretratos dialogava tanto com a volta do homem para o centro das representações, como também com a produção das artistas mulheres que produziam retratos e autorretratos. O renascimento foi um período onde retratos começaram a ganhar popularidade, especificamente pelos nobres. Pensando no surgimento da fotografia até os dias atuais, tornou-se um meio mais reprodutível e acessível para a criação de retratos e autorretratos.

Ainda precisávamos pensar nas outras propostas pedagógicas, então começamos a criar o planejamento de aula sobre a Pop arte. O professor já tinha nos falado que apenas

começou a trabalhar esse conteúdo, mas que ainda não tinha se aprofundado. Perguntamos o que especificamente ele já havia trabalhado e ele disse que havia falado um pouco sobre o que foi o movimento da Pop arte e sobre a obra do artista brasileiro Cildo Meireles



Figura 45 - Quem matou Herzog?, Cildo Meireles, 1975.

intitulada “quem matou Herzog?”, que consistia em carimbar notas

da moeda corrente no período da ditadura militar, o cruzeiro com a frase “quem matou Herzog?”.

Então, nos atentamos sobre a Pop arte brasileira que teve sua expressão maior em plena ditadura militar, contrastando com a instabilidade política que vivemos hoje e a ameaça para a nossa democracia. Estamos revivendo momentos já vivenciados em nossa história que resultaram na instauração de um regime. A pop arte foi uma das expressões utilizadas pelos artistas para criticar a ditadura, com seu teor altamente crítico os brasileiros refletiam sobre o meio social que vivenciavam. Para fugir da censura alguns artistas utilizavam a pop arte por sua característica crítica com uso de imagens do cotidiano e dos meios de transmissão da cultura de massa.

Seguimos então a proposta do professor, mas falando um pouco mais sobre a Pop arte no Brasil e de outros artistas que fizeram parte do movimento no período do regime. Pesquisando sobre os artistas, buscamos trabalhos que expressavam todo o sentimento e a realidade vivenciada na época. Logo, nos veio em mente Hélio Oiticica e seu trabalho emblemático “seja marginal, seja herói”. Hélio foi um dos artistas que criticou o regime nessa obra especificamente, policiais e a ação do chamado “esquadrão da morte”.

através de seus trabalhos, criticou uma das forças



Figura 46 - Seja marginal, seja herói, Hélio Oiticica, 1968.

Um amigo de Hélio conhecido como “cara de cavalo” morador do morro da mangueira que cometia crimes, era agiota acusado da morte de um policial que foi assassinado por forças policiais que agiam “clandestinamente” no Rio de Janeiro. Teve a imagem de seu corpo já sem vida veiculada por todos os jornais, como meio de pôr alguns bodes expiatórios e esconder da sociedade as atrocidades cometidas nos bastidores da ditadura, em que muitas pessoas perderam suas vidas por se oporem ao regime. A obra de Hélio consiste na imagem do corpo de cara de cavalo com a frase “seja marginal, seja herói”.

O artista foi acusado de fazer apologia ao crime. O trabalho de Hélio foi um dos precursores do movimento chamado de Arte Marginal, em que a marginalidade era considerada uma forma de transgressão dos valores conservadores e burgueses, identificados com o regime militar, aliado à idealização do mundo do crime, como mundo produzido pelas contradições da sociedade.

A seguinte obra escolhida foi “Hoje é sempre ontem” de Wesley Duque que consiste na imagem da bandeira do Brasil manchada com uma tinta preta e com marcas desgastadas. Logo a baixo da imagem segue a frase “Hoje é sempre ontem”. Wesley criticou os atos corruptíveis que sempre fizeram parte do nosso sistema político e que na ditadura também aconteciam, mas que foram encobertos para a população em geral. Essa frase nos remeteu tudo que estamos revivendo hoje, sobre essa necessidade de “mudança” através do uso da força. Em que a sociedade ansiando por um país menos corruptível compactua com a instalação de um estado autoritário e repressivo.

Com essas imagens montamos nossa aula expositiva com o uso do Power Point e um vídeo que pegamos do youtube sobre Pop Arte do canal “vivieuvi”. Achamos que era necessário a contextualização sobre o que foi o Pop arte e sua manifestação no Brasil. Buscamos montar essa parte

Figura 47 - Hoje é sempre ontem, Wesle Duque, 1972.



expositiva de uma maneira menos cansativa e mais focada para a apresentação das imagens das obras. Para que tivéssemos mais tempo de aula para o debate com os alunos.

Com esses questionamentos pensamos em trabalhar com eles a colagem, principal técnica usada nos trabalhos de Pop arte. Essas colagens seriam produzidas manualmente, através de imagens de recortes de revista, desenhos e palavras intervindo com a colagem e posteriormente seriam transformadas em lambe-lambe. Para essa produção das colagens seria proposto um debate sobre esse contexto vivenciado pelos artistas na época da produção dessas obras.

A Pop arte foi uma das expressões artísticas em que os artistas expressavam suas opiniões sobre o cenário político da época e que muitos se posicionaram contra o regime e sofreram com a censura. Com isso, iniciariamos o debate sobre quais críticas eles fariam sobre a sociedade, ao cenário político atual, a escola ou demais questões a partir da experiência deles e que gostariam de criticar. Relacionando com essa característica do pop arte de pensar criticamente sobre determinado contexto social.

Com o assunto surrealismo para a turma de terceiro ano, fizemos nossas pesquisas e montamos o slide da nossa apresentação. O surrealismo foi um movimento artístico vivido no pós-guerra, onde os artistas colocavam todas as suas angústias, frustrações e imaginação nas obras. Nos questionamos como conectar aquilo com a realidade dos alunos? Como abordar trazendo isso pra mais perto deles? Então usamos alguns vídeos explicativos com uma linguagem que chegava mais próxima deles, a linguagem de memes⁵ usada na internet, com partes engraçadas para que eles se sentissem mais próximos e descontraídos. Deixando também claro as partes que iríamos explicar como o contexto histórico e obras de artistas como salvador dali, Rene Magritte e outros.

⁵O Meme pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. Apenas a título de curiosidade, o estudo deste conceito é chamado de memética. Disponível em < <https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/> >

Por acreditarmos na educação como forma de liberdade e em seu potencial crítico queríamos uma aula que não ficasse só no ensino bancário de repassar conteúdo, como se os alunos fossem simples receptáculos vazios.

Com isso, apesar de termos que passar os assuntos, tentaríamos que fissurar aquilo, com nossas palavras ou modo de nos portarmos em sala de aula. Assim, barrando a linha imaginária que se é criada entre professor e aluno quando o docente se blinda pela sua mesa e pelo poder hierárquico que a posição de professor o proporciona, resolvemos fazer diferente e nos reunirmos em uma grande roda, para que cada aluno ali soubesse que estaria sendo visto e ouvido.

Assim, fechamos nosso dia de planejamentos.

No dia seguinte, em nosso primeiro dia de estágio, fomos à sala de aula, nossa primeira turma foi uma de terceiro ano, nos primeiros horários de aula da tarde em que trabalharíamos o conteúdo da Pop arte.

Adentramos a sala com o professor, um tanto quanto nervosas, mas ainda assim confiantes de que conseguiríamos dialogar e sermos entendidas pelos alunos. Nos apresentamos, pedimos para que os alunos fizessem uma roda e nos sentamos junto deles. Alguns alunos se lembraram de nós do estágio no semestre passado em que observamos algumas aulas do professor.

Preparamos o data show com os slides para a exibição de imagens das obras e o vídeo sobre como surgiu a Pop arte. Iniciamos com a exibição do vídeo de um canal no youtube sobre arte chamado "vivieuvi" falando um pouco sobre como se deu o surgimento do Pop arte e todas as questões discutidas pelos artistas, como os artistas americanos criticando a sociedade de consumo americana; no resto dos slides focamos então na pop arte brasileira.

Após a exibição do vídeo começamos falando sobre como a Pop arte

aconteceu no Brasil e sua diferença em relação a Pop art americana. Os olhares eram de curiosidade e de vontade de colaborar conosco de certa forma, sentimos como se eles quisessem nos acolher naquela sala. Com o teor mais crítico os artistas falavam sobre o cenário político vivenciado na época, uma ditadura militar. E que a arte era um dos meios utilizados para criticar o regime em que muitos artistas foram censurados pelo conteúdo de suas obras.

Falamos sobre cada uma das obras escolhidas relacionando com o momento que estávamos revivendo de instabilidade política e novamente a ameaça à nossa democracia. E com isso, explicamos que se hoje tínhamos a liberdade de expressar nossas opiniões e pensamentos era graças à luta e sangue derramado de muitas pessoas e que, no período da ditadura, quem se manifestava contra o regime sofria a repressão. Ao término da explicação, iniciamos uma roda de conversa para ouvirmos os alunos e perguntar se eles tinham alguma dúvida. Em um primeiro momento sentimos que eles estavam um pouco retraídos, mas aos poucos ouvindo cada um dos colegas conseguimos que eles se expressassem e assim surgiram críticas e debates sobre a liberdade de expressão, posicionamentos políticos nas redes sociais e as reações que esses debates provocavam nas pessoas. Críticas à violência sofrida contra a comunidade LGBTQT, à qualidade da alimentação na escola e às normas da escola referente ao uniforme. No início estavam com receio de expor suas opiniões e aos poucos sentiram a confiança de que a opinião e participação de cada um eram importantes para nós duas e para os demais colegas.

De repente todos os alunos estavam engajados e ouvindo uns aos outros, rindo inclusive, aí então resolvemos lançar nossa atividade que consistia em os alunos produzirem uma colagem que contivesse uma crítica implícita, fosse crítica à escola, às pessoas, à realidade deles, eles decidiriam. Ao final da colagem as transformaríamos em um lambe-

-lambe. Os alunos ficaram muito animados, pois o lambe era algo muito novo pra eles. Logo, dissemos para que eles fossem pensando em suas críticas e na próxima aula poríamos em prática as ideias. Eles tiraram dúvidas, perguntavam de que jeito seria; animação e interação estavam dominando o ar daquela sala. Ficamos felizes juntos.

Em nosso terceiro tempo de aula daquele mesmo dia nos dirigimos para uma das turmas de 1º ano. Chegamos à sala e repetimos o mesmo ritual, nos apresentamos e falamos que nossa proposta de estágio era a intervenção nas aulas do professor de arte. Pedimos que eles fizessem uma roda, pois para nós era importante que todos pudessem se ver e se ouvir, saber que estavam sendo ouvidos e tentarmos cortar um pouco a linha imaginária que existia entre professor e aluno. Os alunos dessa vez eram mais novos e pareciam bastante inquietos. Todos se agitaram e começamos a montar os equipamentos de data show e caixa de som. Montamos o slide e uma de nós começou a falar um pouco sobre o que foi o renascimento para a Arte, uma introdução bem situada na história da arte, onde foi explicado sobre o percurso histórico da arte renascentista. Logo após, uma de nós também falou sobre alguns artistas do renascimento e sobre no renascimento ter havido a presença de artistas mulheres, apesar de todas as imposições que a sociedade colocava, em que as mulheres não poderiam, por exemplo, assistir as aulas de desenho com modelos nus, pois era “inadequado” para elas, assim somente os homens conseguiam estudar as técnicas de desenho através do estudo da anatomia.

Na época, isso determinava a qualidade do trabalho do artista, pois no renascimento as representações buscavam a harmonia e a perfeição anatômica humana. Mas isso não impediu que algumas mulheres se destacassem como artistas, como foi o caso de Sofonisba que na época ficou famosa por seus retratos e autorretratos.

Para que elas aprendessem

as técnicas, tinham que frequentar o ateliê de um artista, Sofonisba pertencente a uma família nobre teve a permissão para pintar, pois fazia parte dos dotes necessários de um bom cortesão. A prática artística era somente destinada aos homens, porém Lavínia, Propézia e Sofonisba, mulheres que se destacaram no renascimento, subverteram isso e conseguiram se expressar através de sua arte.

Com isso, adentramos na problemática da nossa aula, que seria “as mulheres na história da arte”, já que em todas as imagens do renascimento as mulheres eram retratadas nuas e sempre pintadas por homens, nunca havendo o contrário, mulheres pintando homens nus. Perguntamos aos alunos o que as obras tinham em comum, alguns falaram que a beleza, outros que todas eram mulheres retratadas. Então, dissemos que estavam certos, mas o ponto que gostaríamos de chegar era que todas estavam representadas nuas por homens. Perguntamos se eles já tinham ouvido falar de artistas mulheres ou estudado elas na escola e alguns poucos disseram que sim, mas não citaram nomes.



Figura 49 - Vênus de Urbino,
Ticiano, 1538.

Figura 48 -
figurinha O
nascimento de
Vênus, Sandro
Botticelli, 1483.



Sob esse questionamento começamos explicando sobre a invisibilização da produção de artistas mulheres e que se pouco ouvíamos falar sobre elas era porque seus trabalhos eram sempre tidos como menores em relação aos dos homens. Ao final de expormos nossa problemática, instigamos os alunos, perguntamos por que não víamos mulheres artistas na história da arte. Estávamos lá acima de tudo para mostrar que as mulheres existiram, mas não apareciam, pois eram silenciadas e resumidas a donas de casa, mães e mais tudo que era de serventia ao patriarcado.

Por fim, concluímos nosso pensamento falando o quanto era importante falarmos e buscarmos sobre a produção de artistas mulheres e que esses valores machistas que nos impedem de exercermos nossos direitos e liberdade não vêm de hoje. Nossas produções sempre foram invisibilizadas por não sermos consideradas indivíduos importantes e relevantes para a sociedade patriarcal que nos considerou e considera sempre indignas de expressar nossos gostos, nossas opiniões e que se conseguimos avanços em relação aos nossos direitos, nós, mulheres, artistas e professoras temos o dever, através da nossa prática pedagógica de buscar quebrar essas parcialidades que ainda permeiam nossas existências como mulher. Através do currículo buscar cada vez mais reflexões e questionamentos para nossos alunos.

Os alunos ficaram bastante intrigados, e o que mais gostamos de ver foi o brilho no olhar das alunas, pois, talvez aquele fosse o primeiro contato delas com uma forma de representatividade na história da arte.

Ao final da nossa explicação, propomos uma atividade, que consistia em que os alunos fizessem um autorretrato, já que o renascimento trazia o homem para o centro de tudo. Só que no autorretrato que os propúnhamos não precisariam aplicar técnicas, apenas tirariam uma foto e interviriam nela com elementos da preferência deles. Pedimos que eles

criassem fotografias que falassem sobre si mesmos. Essa criação ficaria por conta deles. Poderiam ser feitas poses diferentes, usando objetos diferentes. E ao final avisamos que na próxima aula pegaríamos as imagens e na outra já estariam impressas para a intervenção.

Então, com isso, seguimos para a próxima turma.

Na próxima turma, uma de terceiro ano, fizemos o mesmo esquema, de chegar, nos apresentarmos, pedirmos para que eles fizessem a roda na sala. Pode parecer tudo muito repetitivo, porém, é muito difícil lidar com pensamentos e diferentes formas de se portar em sala de aula, o professor também é um ser humano e se confunde em seus pensamentos, assim como nós. Seria interessante nos portarmos de forma diferente em cada sala? Sim, talvez, porém precisávamos também de uma certa organização em nossas cabeças, por isso acabamos por padronizar certos comportamentos.

Com o mesmo esquema das turmas anteriores, montamos o data show, nos apresentamos, nesse momento já estávamos cansadas, pois aquele era nosso quinto horário na escola. Nesse dia, aprendemos o quão cansativo era acima de tudo dialogar, pois, era como se você ficasse exausta após tanta socialização. Nos sentimos assim ao final daquele dia ali naquela sala, nossa voz mal saía.

Enfim, com o slide pronto começamos a explicação. Íamos abordar o mesmo conteúdo da primeira aula com a turma de também terceiro ano, a pop arte, mais especificamente a pop arte brasileira. Fizemos um apanhado histórico sobre a pop arte americana, depois sobre a pop arte brasileira com a ajuda de slides. Falamos então sobre os artistas da pop arte brasileira. Os alunos pareciam só um pouco interessados, pois, assim como nós eles estavam aparentemente cansados. Ao final, na roda de conversa, questionamos eles sobre o assunto e perguntamos qual crítica eles fariam em uma obra de arte no estilo pop arte.

Eles ficaram quietos, mas logo risadas surgiram, e alguns começaram a falar sobre a merenda da escola, o que mais desagradava eles lá, claro, com uma pitada de humor.

Uma aluna falou sobre o rigor em relação ao uniforme escolar adotado pela escola. Composto de calça jeans preta e azul e a camisa do uniforme. Ela disse que alguns alunos foram dispensados das aulas, porque estavam com uma calça jeans colorida. E achava isso um absurdo. Outro aluno criticou o lanche servido na escola, os alunos estavam cansados de lanchar mingau na maioria dos dias. E reclamaram que a merenda regionalizada só seria servida nos dias próximos das eleições.

Um aluno parecia bastante irritado, estava sentado em seu lugar, no canto da sala, quando uma outra aluna o perguntou “O que você criticaria?”, então, com um tom de deboche, ele respondeu “Matéria desnecessária.”. Nesse momento um silêncio se apropriou daquela sala de aula, um clima tenso pairou, pois sabíamos que aquela era uma indireta para nossa aula, para nossa matéria de Artes.

Uma de nós então disse que aquela era a opinião dele e deveríamos respeitá-la, apesar de ficarmos um pouco magoadas não pudemos esbanjar nenhuma expressão, estava fora de cogitação para nós qualquer tipo de desentendimento com os alunos. No fundo, ficamos chateadas com nós mesmas, pois não soubemos usar de nenhuma frase ou conversa que pudesse desconstruir aquele pensamento preconceituoso daquele aluno, na hora simplesmente ficamos sem reação. Apenas tentamos nos reconfortar pensando que lidar com pessoas, principalmente adolescentes, é isso, lidar com o inesperado, com o que nem sempre vai te deixar na sua zona de conforto.

Enfim, depois disso continuamos a conversar com os demais alunos, tentando deixar o clima mais leve. Então, ao passar de alguns minutos, resolvemos propor nossa atividade, que seria justamente por em prática

uma obra de arte a crítica que eles tinham pensado. Através de uma colagem que não precisaria necessariamente ter um sentido explicado ou com palavras certas, mas que seguisse a ideia da pop arte, com crítica implícitas. Pedimos para que eles escrevessem essa ideia no papel para que na próxima aula com eles puséssemos em prática.

No dia seguinte, fomos à escola para nosso segundo dia de estágio. O professor havia ido a uma faculdade com as turmas de terceiro ano da escola. Ele havia dito que estaria na escola para estar na sala de aula conosco, porém, aconteceu um imprevisto e ele não pode voltar a tempo da aula. Logo, nos vimos diante da oportunidade de mediar uma aula sozinhas, sem a presença do professor. Já estávamos com nossa aula pronta, só precisávamos por em prática.

Nos encaminhamos para a sala, com os materiais que precisaríamos. Confessamos que sentimos um pouco de medo, mas sabíamos que o diálogo resolveria qualquer situação ali. Era uma turma de primeiro ano, uma turma que em nosso primeiro encontro nos passara a impressão de que estivessem a todo momento rindo da explicação do assunto que estávamos explicando. Logo, era mais ou menos isso que esperávamos daquela aula, muitas risadas, pouca colaboração e por aí vai.

Montamos o data show e colocamos nosso slide visível, nessa aula queríamos mostrar e explicar como eles poderiam fazer a atividade que propomos na aula passada, a intervenção no autorretrato. No slide mostramos algumas imagens de intervenções em fotos, fosse com tinta, com linhas ou com elementos da natureza. Conforme íamos falando, íamos também nos engajando com a turma, eles estavam interagindo bastante, logo a ideia e o medo que sentimos daquela aula fora embora e deu lugar ao entusiasmo. Apresentamos alguns trabalhos com intervenção em fotografia e a intenção do artista em sua realização.

Apresentamos algumas fotografias de trabalhos de Rosana Paulino que discute o lugar da mulher negra na sociedade brasileira e toda a violência sofrida pela população negra. Rosana intervém principalmente em fotografias históricas com o bordado. Mostramos alguns trabalhos de Andy Warhol em serigrafia, as repetições de imagens de Jackeline Kenedy e o rosto de Marilyn Monroe retirados de jornais eram também exemplos de intervenção em imagens.



Figuras 50-51 - Série Bastidores,
Rosana Paulino, 1997.

Falamos também das intervenções em lambe-lambe feitas pelo artista Maurício Pokémon em Macapá. O artista foi nas comunidades rurais daqui de Macapá, conversando sobre a relação que as pessoas estabeleciam com a floresta e fotografou seus moradores. O Quilombo do Curiaú foi uma das localidades que o artista visitou.

Achamos interessante mostrar essa referencia porque os lambes de Mauricio despertaram bastante curiosidade nas pessoas que passavam pelos lugares onde foram colados em Macapá. Algumas pessoas relataram que se assustaram pensando que eram pessoas reais. Perguntamos se eles viram os lambes pela cidade. Eles disseram que sim.



Figura 52 - Mauricio Pokémon, 2018 -
Foto: Fabiana Figueiredo/G1.

Explicamos que esses trabalhos eram formas de intervenção na imagem e que as maneiras e materiais utilizados dependiam da finalidade e o significado que os artistas atribuíam. E que a proposta da nossa prática seria a criação de autorretratos e a intervenção na imagem.

Ao final da explicação pedimos que eles nos enviassem suas fotos, para que pudéssemos imprimir e trazer na próxima aula e assim, eles interviriam nelas. Houveram muitas risadas, um aluno olhando a foto do outro, fazendo piadas, nada tão maldoso. Observamos o quanto a questão da autoestima deveria ser trabalhada nos alunos, muitos diziam não querer participar, talvez por ter medo de que alguém pudesse apontar algum defeito na sua foto, imaginamos.

Como trabalhar isso? O papel do professor chega até isso? Lembra-mos de Paulo freire quando disse que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos, logo vimos nossas perguntas respondidas.

Por fim, pegamos as imagens dos alunos que quiseram participar, para não deixar nenhum de fora dissemos que quem não desse fotografia sua deveria desenhar então seu autorretrato, achamos justo. Logo, a campanha bateu e nosso dia de estágio ali terminou, os alunos saíram correndo, alguns diziam tchau, nos chamavam de professora, enquanto guardávamos os materiais, foi uma boa sensação.

Após isso tudo, no dia seguinte, experimentamos nosso terceiro dia de estágio como regentes. Nesse dia de estágio teríamos aula com as turmas de segundo e primeiro ano, ambas que não havíamos tido aula antes.

Bom, nos dirigimos à primeira turma, de segundo ano, iríamos tratar pela primeira vez o surrealismo, a única turma em que o tema da aula não se repetiria. Fomos para a sala, munidas de nosso slide e nossas ideias.

Chegando lá seguimos com o mesmo esquema das outras aulas, montamos o data show, pedimos para que fizessem a roda, nos sentamos

junto a eles, explicamos quem éramos e que estávamos ali para dar uma aula, que éramos estagiarias.

Com isso, começamos então a falar um pouco sobre o contexto do surrealismo, que foi um movimento do pós-guerra, onde os artistas colocavam suas angustias e também seguiam as linhas da psicanálise de Freud. Fizemos um pequeno apanhado do que seria o surrealismo. Logo após, falamos sobre alguns artistas do surrealismo, como Salvador Dalí e outros.

Os alunos pareciam muito interessados, a turma estava aparentemente focada no que estávamos falando. Haviam risadas e surpresa quando eles viam algumas obras, já que o surrealismo retratava cenas inexistentes na realidade, que são possíveis apenas em sonhos. Após a explicação quisemos focar um pouco na questão do inconsciente, falando mais sobre ele, como funcionava e tudo mais.



Figura 53 - A tentação de Santo Antônio, Salvador Dalí, 1946.

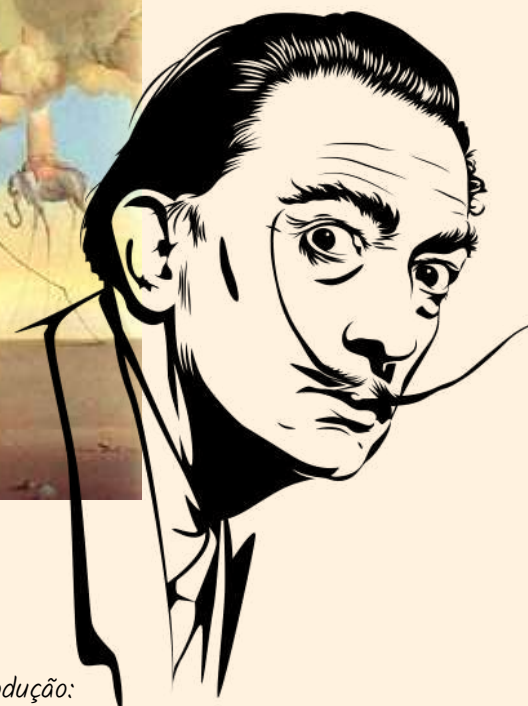


Figura 54 - Figurinha Salvador Dalí - Reprodução: google imagens.

Após isso, propusemos uma brincadeira/jogo para que eles pudessem ver o inconsciente agindo, pedimos que eles falassem a primeira palavra que viesse a mente deles, então aluno por aluno foi falando, em meio a muitas risadas e piadas com inclinação a ter um duplo sentido. Foi muito divertido, no final formou-se uma frase totalmente desconexa, mas pudemos ver o quanto as palavras tinham de certo modo a ver umas com as outras, já que a medida que um aluno falava uma palavra, o inconsciente do próximo que ia falar trazia a tona algo relativo a palavra dita anteriormente.

Em determinado momento, em meio a essas risadas, umas alunas perguntaram se iríamos voltar, dizendo que haviam amado a aula e que precisavam de mais aulas assim. Ficamos felizes demais com aqueles comentários, apesar de saber que nem sempre seria assim na prática real da sala de aula. No dia-a-dia, vários fatores mexeriam com o desempenho de professor e alunos, teriam seus dias bons e os ruins. Logo após a campanha daquela aula bater, fomos para a turma de primeiro ano. Lá iríamos falar do renascimento, como nas turmas de primeiro ano anteriores. Logo, montamos o data show e começamos como de costume a explicar o que foi o renascimento nas artes. Os alunos pareciam muito interessados, principalmente as meninas, na parte em que falávamos das artistas mulheres, afinal, elas não viam artistas mulheres na arte, a única presença feminina era a dos retratos de mulheres geralmente nuas.

É um impacto muito grande para nós mulheres vermos como éramos representadas e como não tínhamos acesso aos espaços de poder em todos os campos das artes e da vida num geral. Consideramos essa aula importantíssima para as meninas que poderão ver o quanto as coisas evoluíram para nós mulheres graças àquelas que puderam ter forças para burlar o sistema patriarcal opressor de cada época. Consideramos que

essa aula serviu para que as alunas e porque não os alunos conseguissem, quem sabe, seguir adiante com essa luta, considerando o potencial da disciplina de arte como fator crítico e emancipador além do material belas-artes.

Ao final da explicação, da aula em si, comunicamos qual seria a atividade, o autorretrato que eles deveriam fazer. Cada um dando uma selfie sua para que imprimíssemos e eles pudessem intervir nelas da forma que quisessem, com diversos materiais. Alguns alunos ficaram entusiasmados com a ideia, todos deram suas fotos, somente uma aluna não quis. Percebemos ela muito tímida, muito nervosa quando perguntamos se ela participaria da atividade. Sua timidez já havia nos chamado atenção desde o começo da aula, confessamos, ela olhava para baixo e evitava qualquer contato visual, parecia muito acuada.

Quando fomos falar com ela percebemos que ela estava tremendo, perguntamos se ela iria dar sua foto para que imprimíssemos e então ela falou muito baixo que não e duas alunas do fundo da sala gritaram “Ela é muito tímida!”, nesse momento nos incomodamos extremamente. Qual o papel de nós professores para dar voz aos alunos que mal conseguem se expressar, para que tomem seu lugar de fala de sujeitos do seu próprio eu e impedir que qualquer outro fale por eles? Lembramos do que diz Bell hooks, que devemos levar à sala de aula pedagogias que afirmem as vozes de alunos invisibilizados, como o simples ato de ensiná-los a ouvir uns aos outros.

Ficamos pensando em como não excluir aquela aluna que não queria dar sua foto, obrigá-la a participar não era uma opção. Percebemos que o problema era a foto ser dela, de sua aparência, ela poderia ter problemas de autoestima, inseguranças, isso é tão comum não só na adolescência como em toda vida.

Então, tivemos a ideia de pedir a ela que escolhesse um artista que gostava muito para que imprimíssemos a foto e trouxéssemos para que

ela intervisse. Nesse momento ela ficou muito animada, abriu um sorriso, e disse o nome de um cantor de um grupo musical que ela gostava. Ali vimos que nós, professores, podemos e devemos contornar situações para incluir os alunos na dinâmica da sala de aula, lidando com suas inseguranças de forma construtiva.

Logo, a campainha bateu e mais um dia de estágio chegara ao fim. Com isso, no dia que se sucedeu, fomos novamente à escola para dessa vez dar início ao nosso quarto dia de estágio. Dessa vez com uma turma de terceiro ano, para dar continuidade ao conteúdo que já tínhamos abordado anteriormente.

Como nossa proposta para atividade com as turmas de terceiro ano seria lambe-lambe, precisávamos de algum espaço para concretizar essa ideia, de preferência dentro da escola. Com isso, o professor chamou as coordenadoras pedagógicas para a aula desse dia, para que vissem um vídeo explicativo sobre o que era lambe-lambe e julgassem se podíamos usar algum espaço da escola.

O vídeo se chamava “A arte e a poesia de Luiz Maia”, que retratava um artista que fazia lambe-lambe e recuperava lugares sujos da cidade onde morava e falava um pouco sobre seu processo criativo na confecção dos seus lambes poéticos.

Passamos o vídeo para a turma e para a coordenadora pedagógica. Os alunos ficaram muito animados com a ideia do lambe. Ainda estávamos na expectativa para saber se seria liberado um espaço na escola para a colagem dos lambes.

Ao final do vídeo a coordenadora disse que era muito bonito o que fora mostrado nele e que poderia sim ceder um local da escola para que fizéssemos, mas desde que fosse com muita cautela, pois a escola não havia sido entregue para os alunos, entre muitas aspás, pois ela passou por uma reforma e até aquele momento não havia sido inaugurada e ela

disse também que havia entendido a proposta, mas que a escola tinha sido reformada recentemente, então teríamos que escolher um espaço para a colagem que não fosse às paredes principais e visíveis da escola. Ficamos pensando onde iríamos colar; no chão da escola? Eles tentavam manter a estrutura da escola da mesma forma que ela foi “entregue”, todas as paredes pintadas de uma cor pastel, sem murais ou alguma manifestação dos trabalhos dos alunos. Aquele ambiente apático pouco parecia um espaço escolar, assemelhando-se a um posto de saúde, mas até em postos de saúde há cartazes.

Começamos então a explicar novamente como seria desenvolvida a atividade e os materiais que tínhamos a disposição para a confecção das colagens. Prevendo que eles não iriam levar os materiais que solicitamos, compramos cola, giz de cera, canetinha colorida e levamos algumas revistas que tínhamos em casa. O professor comprou as tintas e levou o papel.

Apesar do espaço de pouco destaque ficamos muito felizes com a animação dos alunos. Munidas de nossos materiais como cola, tesoura, tinta, revistas, etc., nos direcionamos junto com os alunos para a cantina da escola, devido ser um espaço maior, com mesas grandes, facilitando com que eles fizessem seu trabalho artístico.

Chegando lá, organizamos os materiais e perguntamos se eles se lembravam das críticas debatidas em sala, pois elas seriam colocadas em prática na criação das colagens. Logo eles se sentaram e começaram a pensar em suas críticas e em como realizariam a colagem, muitos estavam empenhados e entusiasmados, alguns estavam desmotivados ou só com preguiça mesmo.

Seguimos ajudando eles nas suas atividades, dando dicas, conversando e dando o máximo de atenção possível. Quando pensávamos em nos render a preguiça, nos lembrávamos do que bell hooks falava sobre o corpo “trabalhar” na sala de aula, sobre o que fazer com o corpo na sala de

aula, que o corpo fala, que trabalhar no sentido de se locomover, ir até os alunos, interagir com eles era fundamental para fortalecer a dinâmica da sala de aula.

Durante a produção das colagens, sempre íamos de um em um para saber se tinham dúvidas, se estavam conseguindo desenvolver a ideia pensada. E assim, eles pediam nossas sugestões e opinião. Percebemos que o tema mais abordado em suas críticas era a corrupção no Brasil e os recentes acontecimentos do cenário político atual.

Houveram também outros temas propostos por eles, como a poluição no meio ambiente, a ausência de acessibilidade para os portadores de deficiência e os padrões de beleza impostos na sociedade. Alguns alunos pediram nossa opinião e questionamos sobre o que estavam buscando retratar. Mas, os deixamos livres para que esse debate fosse feito durante a colagem dos trabalhos finalizados em lambe e para que cada um falasse um pouco sobre sua colagem e a crítica realizada.

Chegando ao fim nossos dois tempos de aula, alguns trabalhos ficaram para serem finalizados.

Após a campanha bater os alunos da turma de terceiro ano foram para sua sala e os alunos da próxima turma, de primeiro ano, vieram para o nosso encontro na cantina, chamados pelo professor.

Essa turma era uma de nossas preferidas, adoramos esses alunos, o entusiasmo deles e como eles faziam a aula ser um lugar divertido. Essa turma realizaria as intervenções nos seus retratos, mirando em um autorretrato. Logo, distribuímos as respectivas fotos para cada aluno, vendo gargalhadas surgirem no momento em que eles viam as fotos de seus colegas. Um ar divertido pairava ali, com muito entusiasmo. Logo eles começaram as intervenções nas suas fotos, com tintas, colagens de imagens, linhas e tudo mais.



Percebemos a dedicação de cada um e a motivação para a realização das intervenções. Inserindo em suas fotografias seus gostos e aquilo que queriam passar sobre si mesmos. Alguns meninos desenharam em suas fotografias barbas representando o anseio pela chegada da fase adulta. Alguns expressaram seus gostos por bandas de rock, através dos símbolos das bandas.

Alguns alunos pela timidez não nos passaram suas fotos, mas mesmo assim propomos que desenhassem seus autorretratos.

E assim todos realizaram a prática. Levamos alguns símbolos de raios, a língua símbolo dos the rolling stones, o rosto do personagem mister bean e V de vingança, personagens da cultura pop. Eles também dialogaram com esses símbolos em suas imagens.



Percebemos que eles sentiram a liberdade de criar, apresentaram-se mais desenvolvidos que a turma anterior. Conosco indo ao encontro de cada um para acompanharmos o desenvolvimento da prática. Rimos junto com eles e sentimos que realmente o movimento de nossos corpos influenciava diretamente na condução da prática. Sempre em movimento eles sentiram que estávamos dispostas a uma maior interação e diálogo.

Solicitando nossas opiniões sobre suas criações e nos chamando de professoras. Passando de alunos agitados em sala, para animados e envolvidos com a criação da proposta. Acreditamos que o espaço de sala de aula era um pouco claustrofóbico e quando saímos dela, sentimos a liberdade para nos expressar. Para nós, o ensino de arte vai muito além da sala de aula, ele deve dialogar com os outros espaços da escola.

Ao final tivemos resultados muito bonitos e acima de tudo muito engajamento entre eles, entre nós, muitos risos. Alguns alunos não conseguiram terminar suas intervenções, assim, deixamos para que eles terminassem na próxima aula.

Após a campanha bater eles se despediram com pesar e nós também. A outra turma de terceiro ano veio para realizar seus trabalhos. Aquele era nosso quinto horário, estávamos exaustas e sem animo. Tivemos que nos entregar ao cansaço, foi inevitável não sentar e deixar com que os alunos ficassem sem tanta assistência.

Confessamos que só pedíamos para que aquela aula terminasse logo. Os alunos também estava visivelmente cansados, percebemos que por termos o ultimo horário naquela turma as aulas deveriam ser sempre assim, são cinco horas seguidas dentro de uma sala, quando o tempo de terminar se aproxima, os alunos e professores só pensam em ir para casa descansar a mente e o corpo. Porém, continuamos acompanhando cada um na criação das colagens.

Figura 57 - Produção dos Lambes, Paola Morais, 2018.



As temáticas abordadas nas colagens foram parecidas com a turma anterior. Alguns falaram sobre a corrupção no Brasil, fazendo uso de imagens e palavras. Surgiram assim títulos como “O Brasil que emerge do caos” e a “dança da crise”, por exemplo. Houveram também críticas ao desmatamento de nossas florestas. Os questionamentos em relação aos padrões de beleza, contrastando com isso

houve um trabalho enaltecendo a mulher negra. Surgiram críticas ao preconceito racial e a dependência que temos hoje pela internet, estamos vivendo sempre por intermédio de imagens como diria Guy Debord.⁶

Procurando dialogar com eles, vimos que alguns só estavam fazendo a atividade por ela valer “ponto”. Conversando com o professor ele nos falou que para a escola não importava a experiência vivenciada pelos alunos, mas sim se havia média suficiente para eles avançarem de nível. Ele até tentava propor práticas que buscam maior participação dos alunos, porém encontrava resistência e falta de apoio pelos outros agentes da escola.

Foi preciso sentir na pele o que era ser professor, para entendermos que é difícil criar o novo com uma rotina exaustiva. Quando você tenta propor o novo é negado pelo corpo docente. E acaba vendo seus

⁶Guy Debord foi um filósofo francês inspirado pelas concepções filosóficas e sociológicas marxistas. Em seu livro “A sociedade do espetáculo” em 1973, crítica o funcionamento da sociedade capitalista e a separação da coletividade. Para ele o “espetáculo” é a representação do imaginário moderno, um abuso do mundo da visão. Todo o vivido transformasse em representação através da mediação das imagens.

projetos reduzidos por serem trabalhosos demais, mesmo os alunos amando e participando. Realmente sentimos a dor do professor.

Ao termino daquele dia e com a chegada do dia seguinte, voltamos novamente à escola para terminar os trabalhos que os alunos não haviam acabado nas últimas aulas, era nosso quinto dia de estágio.

Nos encontramos com a turma de terceiro ano primeiro, onde entregamos os trabalhos para eles terminarem. Juntamos os materiais que tínhamos e logo eles começaram a fazer. Ocorreu tudo tranquilo. Nesse dia o horário era reduzido então logo a campainha bateu e a turma seguinte de primeiro ano veio para fazer a mesma coisa, terminar os trabalhos da aula passada; seguimos esse mesmo esquema para todas as turmas.

Entregamos os trabalhos para a turma de volta, então logo eles começaram a terminar seus autorretratos, ocorreu tudo calma e tranquilamente. Logo a campainha da escola tocou e a turma de terceiro ano veio até nós na cantina, do mesmo modo entregamos os trabalhos para que eles terminassem, tudo muito rápido em questões de horário que era curto. Nesse dia não interagimos tanto com as turmas, pois o tempo estava curto, então deixamos por conta deles terminar os trabalhos, eles já sabiam o que fazer.

Ao final juntamos todos os trabalhos para que déssemos ao professor, ele iria escanear os do terceiro ano a fim de que imprimíssemos para transformarmos em lambe e colássemos em algum lugar da escola na próxima aula.

Aquele dia de estágio rapidamente chegou ao fim, ansiamos então pelo dia seguinte que seria nosso sexto dia de estágio. Com a chegada dele, fomos à escola munidas dos lambes dos alunos e de outros materiais para que finalizássemos nossos trabalhos práticos com as turmas.

Começamos com a turma de terceiro ano, preparamos o material, a cola, misturando com água para que aderisse melhor à parede. A diretora da

escola não deixou que usássemos nenhuma parede da escola, apenas laterais das passarelas que estava sem acabamento de tinta, com o cimento puro. Começamos então com o que tínhamos, após distribuirmos os lambes aos alunos, eles acharam muito legal que os seus desenhos estivessem ali em um formato diferente, de lambe.

Pedimos que cada um falasse um pouco sobre seu trabalho. Demonstraram-se bastante tímidos, mas conseguimos extrair algumas palavras sobre as colagens.

Ana, uma das alunas, disse que seu trabalho falava sobre o preconceito sofrido pelos Lgbt. Outro aluno que falou sobre seu trabalho foi Caio, ele fez uma crítica à escravidão sofrida pelos negros. Maria falou que quis retratar a beleza da mulher negra e Paulo sobre a poluição do meio ambiente. Após termos falado sobre os trabalhos, perguntamos para o professor em qual espaço seria realizado a colagem dos lambes.

Já sabíamos que a colagem não seria realizada nas paredes da escola, pois ela havia sido reformada recentemente e a diretora gostaria de mantê-la intacta. Não poderíamos colar nenhum lambe nas paredes pintadas da escola. Então pensamos, “onde iremos colar, no chão?”. O professor dissera que poderíamos colar no espaço que ficava entre as elevações do piso da escola. O período de chuva em Macapá provoca muitos alagamentos, principalmente no bairro Jesus de Nazaré, localizado em uma parte baixa da cidade. E a escola foi construída com o piso mais alto para evitar os alagamentos. Esse espaço foi o único disponibilizado pela escola para realizarmos a atividade. Mesmo o professor tendo explicado como seria realizado, sob sua supervisão.

No começo ficamos bastante desanimadas, mas tínhamos que finalizar a proposta com os alunos. Explicamos que o espaço utilizado para a colagem seria esse e alguns não gostaram. Perguntavam “Porque professor?”, “As pessoas não vão conseguir ver os nossos trabalhos”.

Falamos que esse foi o único espaço liberado para a nossa colagem e que não poderíamos utilizar as paredes da escola, mesmo com nossos esforços para que fosse compreendido o sentido do trabalho, a escola optou por preservar sua imagem de posto de saúde. Sem cartazes, murais, nada que a identifique como um espaço de aprendizado.

Decidimos iniciar a colagem, já havíamos preparado a mistura de cola e água. Mas vimos que precisávamos de mais cola para que o papel fixasse melhor na parede. Foi quando uma aluna falou que tinha cola em casa e que poderia buscar, ela morava na rua que fica atrás da escola. Não demorou muito e a aluna trouxe a cola, começamos a colar os lambes. A primeira aluna começou então a colar o seu lambe que continha a imagem de uma mulher negra. Enquanto ajudávamos e dávamos dicas de como fazer para que o lambe aderisse melhor à parede. Logo os próximos alunos vieram e foram colando seus lambes, em meio a conversas, risadas, fotos, foi um momento muito bom. Outra dupla colou um lambe contendo uma imagem de apoio aos LGBTQTS, outra criticava a corrupção, cada uma com sua mensagem particular, transformando as laterais da escola antes estáticas em um lugar cheio de cor e reflexão.



Figura 58 - Colagem dos
Lambe-lambes, Aline Lima,
2018.



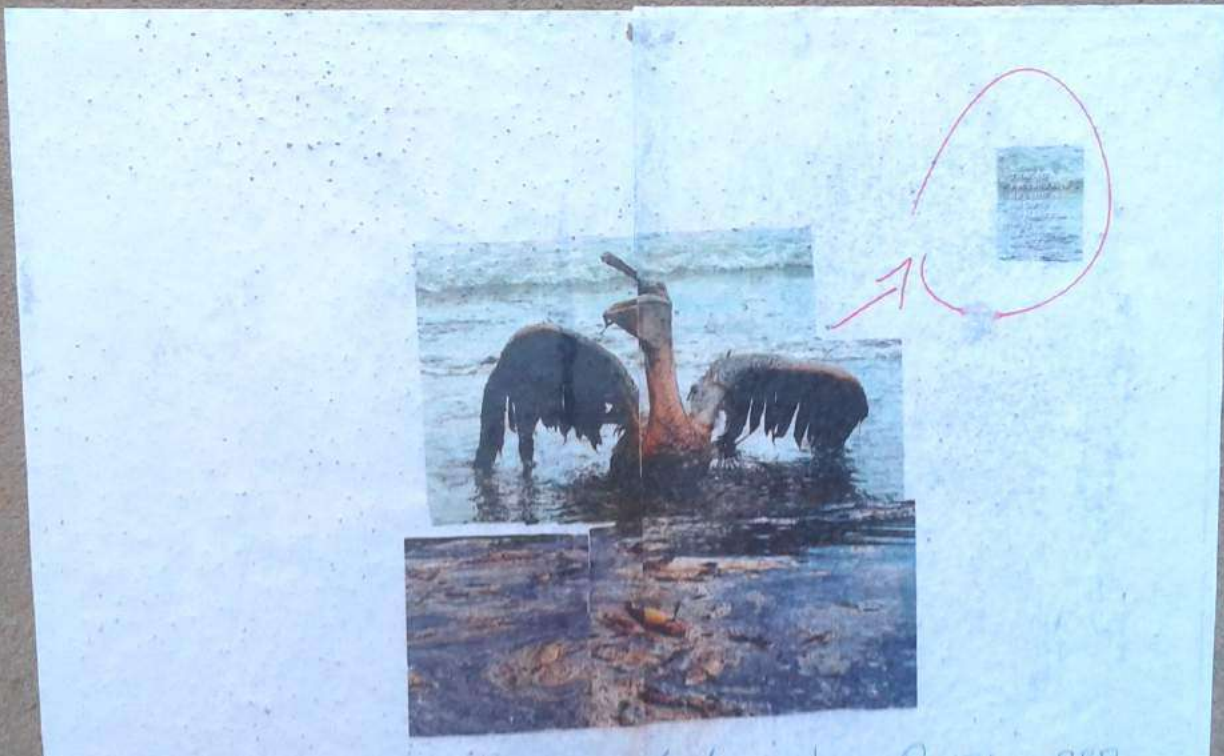
Figuras 59-60 - Colagem dos lambes da turma de terceiro ano, Aline Lima e Paola Morais, 2018.



Figuras 61-62 - Colagem dos lambes da turma de terceiro ano, Paola Morais, 2018.



Figuras 63-64 - Colagem dos lambes da turma de terceiro ano, Aline Lima e Paola Morais, 2018.



Figuras 65-66 - Colagem dos lambes da turma de terceiro ano, Aline Lima e Paola Morais, 2018.

TEMPO PARA VIVER



ANIMAÇÃO DE JOVENS GENTE E
MÁS ATIVIDADES COMBATE
AS DÚVIDAS E AUMENTA O INTERESSE

Acompanhamento
de professores
especializados
é essencial para
a longevidade
acadêmica dos alunos



O HOMEM NÃO
REGENERA
O QUE PERDEU



Figura 67 - Colagem dos
lambes da turma de terceiro
ano, Paola Morais, 2018.

diversidad

ANTI-HOMO



exual



Figura 68 - Lambe sobre diversidade, Aline Lima, 2018.

Após terminarem fomos encontrar outra turma na cantina, a de primeiro ano. Já estávamos sentindo saudades daqueles alunos, os que mais gostamos de ter contato, como já confessamos. Eles já nos esperavam com um sorriso no rosto, e logo explicamos o que faríamos naquele dia de aula.

Levamos barbante para que pudéssemos colocar os autorretratos que eles haviam feito e expormos na escola para que os demais alunos pudessem ver. Com muitas risadas cada aluno foi pendurando sua foto no barbante, nossa intenção era que eles falassem um pouco sobre sua experiência, porém era mais um dia de horário reduzido na escola, então tínhamos que correr.

Ao terminarem de colocar suas fotos amarramos a cordinha contendo todas as fotos deles feitas no refeitório da escola. Logo a campainha bateu e os demais alunos da escola vieram lanche e conseqüentemente ficaram olhando os trabalhos feitos e expostos, ouvimos comentários do tipo “Porque não fizeram com a gente?”, “também queria ter feito!”, entre outros. Muitos olhares curiosos, risadas, etc.



Figura 69 - Produção dos autorretratos por alunos do primeiro ano, Paola Morais, 2018.



Após o recreio recebemos a turma de terceiro ano do horário final. Então, entregamos os lambes aos seus respectivos autores. Eles ficaram animados assim como a primeira turma, perguntando o que havíamos feito para que tivesse ficado daquele jeito, dizendo que estava muito legal, entre outros comentários positivos.

Logo, pegamos os materiais que havíamos usado com a turma passada e fomos colar nas laterais novamente. Aluno por aluno foi colando seu lambe, um ao lado do outro, alguns em lugares mais longes, outros mais tortos, outros não eram na diagonal, mas sim na vertical, logo uma variedade de lambes e mensagens estava ali.







Figura 73 - Lambe LGBT, Paola Morais, 2018.

Por ser o último horário tanto os alunos como o professor e nós estagiárias estávamos cansados, então os alunos ficavam pedindo para sair e nós tentávamos apressar os andamentos das colagens. Por fim, ao término de todas, finalizamos com aquela turma e com as demais, afinal era nossa última aula com eles, nos despedimos e terminamos mais um dia de estágio.

Chegara então no dia seguinte nosso sétimo e último dia de estágio. Nesse dia teríamos aula com as turmas de primeiro e segundo anos, essas turmas tinham aula de artes no dia de sexta-feira, e nas sextas do período que demos aulas só conseguimos ter aula em uma delas, pois o restante foi feriado ou facultado, então essa era nossa segunda aula com eles, diferente das turmas de quarta em que já havíamos dado muitas aulas.

Enfim, teríamos aula com essa turma! Eles nos encontravam pelos corredores da escola e perguntavam quando seria posto em prática a atividade conosco. Chegando o dia de nossa aula, nos encontramos no refeitório com os materiais a postos para o início da atividade. Nesse dia não tínhamos muita ideia do que fazer, porque devido a não termos tido aulas com eles não desenvolvemos a proposta de atividade e como nas outras turmas já estávamos finalizando as aulas, com eles deveríamos finalizar também, pois nosso período de estágio chegaria ao fim. Então, conversamos com o professor a fim de vermos uma forma de só finalizarmos com eles, haja vista, também que o fim das aulas na escola estava terminando e o professor precisava fechar sua caderneta. Nesse dia, o horário estava mais curto, pois, teria jornada pedagógica, uma espécie de reunião com os pais dos alunos para entregar as notas e ver o rendimento dos mesmos. Então, fizemos tudo com pressa. Para a turma de primeiro ano estávamos munidos das fotos deles que havíamos imprimido há um bom tempo que eles haviam nos passado, então, logo entregamos pra eles, que estavam muito ansiosos, por não

termos tido tantas aulas e por ter olhado os trabalhos da outra turma de primeiro ano, eles queriam muito fazer também aquele trabalho. Como de praxe ao entregarmos as fotos aos seus respectivos donos, houveram muitas risadas e piadas entre eles, um clima muito bom. Logo surgiu uma caixinha de som e assim o ambiente de aula tornou-se descontraído. Durante o fazer da atividade, haviam conversas paralelas e uma maior interação entre eles, diferente da sala de aula em que todos pareciam distantes um do outro.

Logo, com os materiais na mesa eles começaram a intervir nas suas fotografias, com colagens, pinturas, desenhos, etc. O tempo correu e a campainha logo bateu, e eles entregaram os trabalhos. Sendo que o que mais observamos em comum dos trabalhos daquela turma foram os padrões de desenhos que eram todos muito certinhos, por fora das fotos, pintando um batom, ou cabelo, ou colando um lacinho no cabelo, algo muito certinho, diferente da outra turma que ousou mais, fazendo coisas mais incomuns, digamos.

Durante a aula sempre buscávamos interagir com eles, foi quando uma aluna falou “nunca mais teremos outra aula de arte assim” e perguntou se continuaríamos com eles. Dissemos que tínhamos planejado apenas essas aulas e que precisaríamos terminar nosso estágio.

As intervenções nas fotografias foram variadas, eles fizeram bastante uso de cores vibrantes. Alguns fizeram “tatuagens” em suas fotografias, outros desenharam elementos como flores e corações. Chegando o fim da aula, .



Figura 74 - Produção dos autorretratos pela turma do primeiro ano, Paola Moraes, 2018.

todos terminaram seus autorretratos.

Bom, partimos então para a outra turma, a de segundo ano. Com essa não havíamos conseguido pensar em uma atividade prática, era nossa única turma de segundo ano, tratando do assunto surrealismo. Então conversamos com o professor a fim de saber se faríamos mais alguma coisa ou se deixaríamos ali por conta dele. Ele sugeriu que pedíssemos um desenho dos alunos, só para que finalizássemos ali as aulas, um desenho que retratasse um sonho deles, pensamos juntos.

Confessamos que a ideia do desenho não nos agradava muito, pois as aulas de arte tinham esse estereótipo de que era só desenho e pintura, algo resumido a uma coisa boba de lazer. Queríamos muito fazer diferente, porém o tempo ali não nos permitiria, então fomos em frente com a ideia dos desenhos.

Logo, demos os papéis em branco e os materiais para que os alunos começassem. Foram surgindo muitos desenhos legais, com sonhos diversos e curiosos, em meio a muitas conversas e risadas. Ficamos muito nostálgicas e com vontade de ter mais tempo com eles, pois tivemos conversas muito agradáveis e eles eram muito interativos conosco.

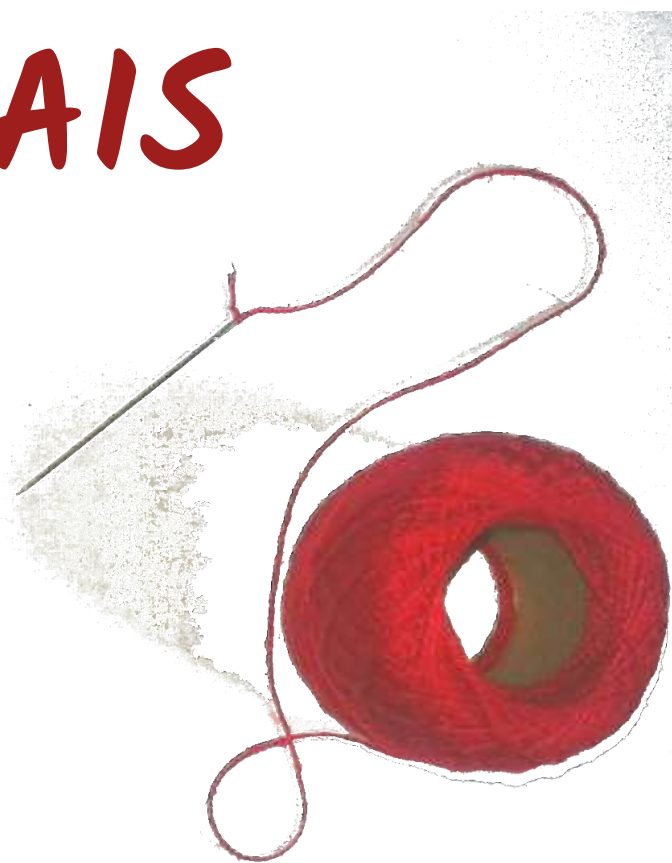
Conversamos, demos risadas, etc. Aquele era nosso último dia no estágio e já estava batendo a saudade daquele contato que pudemos ter como professoras estagiárias. O tempo correu muito rápido, logo a campanha bateu e oficialmente nossos dias de estágio haviam chegado ao fim, sem nada demais, mas ao mesmo tempo com muitas lembranças bonitas e experiências necessárias.



Figura 75 - Produção de desenhos sobre sonhos da turma de segundo ano, Paola Morais, 2018.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante de tudo que vivenciamos ao decorrer dessa pesquisa, colhendo informações em nosso diário de campo, pudemos ter muitas inquietações respondidas e muitos aprendizados. Quando iniciamos o nosso estágio de observação ainda tínhamos um olhar romantizado da docência.

Pensávamos na docência como algo totalmente ligado à apenas a ação do professor em sala de aula e que tudo era possível de se fazer se ele quisesse. Somente em nosso estágio de regência, após vivenciar de fato a ação docente e a rotina escolar, pudemos perceber o quanto o professor depende dos alunos e da escola para conseguir fissurar o currículo que lhe é posto.

Com o passar dos dias de nosso estágio de regência, observamos o quão pesada era a rotina de um professor e o quanto a motivação de professor e alunos depende também do ambiente e do incentivo da escola. Foi nesse momento que tivemos certeza de que não são só os esforços do professor que são necessários para que ele consiga abordar temas emergentes na vida dos alunos.

Durante nossa pesquisa, pudemos compreender que por mais que os esforços de um docente em criar práticas que quebrassem a hegemonia do ensino para tratar de temas emergentes na vida dos alunos fossem vigentes, não dependia só dele, pois este encontrava e, imaginamos que ainda encontra barreiras. Seja pela falta de incentivo da própria escola ou pelo cansaço da exaustiva rotina. Haja vista, que o docente com que pudemos ter contato era o único professor de artes do horário vespertino em que trabalhava.

Com isso, ao final de nossa pesquisa, pudemos perceber que o que mais dificultava tais fissuras no currículo era a falta de incentivo da escola para com a disciplina de Artes. Observamos que o professor, apesar de tentar inovar suas práticas educativas, acabava na maioria das vezes não obtendo sucesso ou se sentindo desanimado em relação a esta ação. Ele acabava por se conformar com as práticas repetitivas e desestimulantes,

como o simples repassar de conteúdos da história da arte.

Apesar de todas essas observações, que acabavam por desanimar o professor, ainda assim, conseguimos notar certas ações autorais que conseguiam fissurar o currículo normásculo do ensino de artes. Como

por

exemplo, quando o professor disse que tentava trazer questões emergentes na vida dos alunos para a sala de aula com os meios que ele tinha disponíveis, como nos projetos que ocorriam na escola.

Um desses projetos, chamado de consciência negra, trazia um desses temas da realidade e vivência dos alunos para o centro da discussão.

Buscando discutir o racismo e o preconceito com as religiões de matrizes africanas ou o que quer que fosse pertencente à cultura negra. Relacionando também com temas da cultura regional do estado, como o marabaixo. Observamos uma grande fissura aí, pois, o marabaixo não está como assunto obrigatório nos livros didáticos. Sendo assim, até a execução do projeto, muitos alunos sequer conheciam o marabaixo, que faz parte da sua própria realidade e cultura.

Outra fissura que pudemos observar foi a composição dos livros didáticos questionada pelo professor. Ele criticou esses livros por não abordarem questões da cultura regional, e segundo ele, os assuntos abordados no livro eram os mesmos abordados no sul e sudeste, uma realidade totalmente diferente da que vivenciamos aqui.

Isso tudo, levava ele a fazer suas próprias buscas por conteúdos regionais, como por exemplo, quando ia tratar do assunto renascimento, em que ele inseria no contexto a escola de Artes local, Cândido Portinari. Ele também falava de artistas locais, tentando inseri-los sempre nos assuntos que abordava em sala de aula.

Outro ponto importante que queremos destacar é a forma com que o professor trabalhava com materiais multimídias, como por exemplo, os vídeos que passava para os alunos com uma linguagem mais

descontraída e que chamava bastante atenção deles.

Em certos vídeos que o professor passava surgiam inquietações nos alunos, pois tratavam mesmo que de forma implícita, temas que os afligiam. Como a questão da pedofilia, que os alunos perceberam na aula sobre Paul Gauguin. Essa questão não era de responsabilidade da aula de artes em si, segundo o currículo oficial, mas observamos o quanto ela se deparava com certas questões polêmicas ao longo de sua história, isso provocava reflexões nos alunos e mesmo sem se dar conta, o professor acabava por suscitar aquelas reflexões neles quando trazia aqueles vídeos.

Durante nosso estágio de regência tivemos também a oportunidade de perceber ações nossas no papel de docentes que fissuravam o currículo oficial, como quando percebemos que provocamos inquietações acerca de temas abordados, como por exemplo, a representatividade feminina na arte.

Pudemos sentir um pouco o que o professor vivenciava e a dificuldade de lidar com tantas turmas e um corpo escolar muitas vezes omissos a ações de um ensino autoral e inventivo. Sentimos o quanto a pesquisa na ação docente é importante, pois isso afetou diretamente nosso modo de ver e criar nossas práticas educativas.

Pudemos aprender o quanto as fissuras no currículo mesmo que pequenas ou inconscientes são necessárias para criar outros modos de sistematizar o ensino de arte, e nos instiga a pensar sobre os processos invisíveis nas relações de escolha metodológica e educativa de um docente.

Mesmo tendo que trabalhar com os conteúdos da história da arte, percebemos práticas que buscavam dialogar com a realidade, regionalidade e especificidades de cada aluno no cenário visual contemporâneo. Percebemos o quanto é necessário entrar em contato com os alunos, saber o que eles pensam e o que gostariam de estudar em artes.

O que buscamos e podemos refletir com tudo isso, é que podemos sim inserir, fissurar o conteúdo de arte com questões como essas e que a arte em si tem um potencial crítico que pode e deve ser usado nas aulas para fazer reflexões e levantar questões importantes para a vivência, não só escolar, mas social e familiar dos alunos.

Em nossas experiências de observação e regência, podemos refletir o quanto é necessário fissurar o currículo e as diferenças existentes em sala de aula, derrubando posicionamentos hierarquizados de saber e fazer conhecimentos. Desde o modo que o docente se porta em sala de aula à como ele dialoga com seus alunos.

Estamos ainda felizes por perceber essas coisas como futuras docentes, pois, isto irá refletir em nossas práticas educativas futuras. Esta pesquisa teve forte importância para nós, pois adicionou muitas reflexões positivas sobre a maneira que vemos e exercemos o ensino de Artes. Pensando em práticas mais inclusivas e menos hierarquizadas que contemplem a vivência e a realidade de cada aluno que fará parte desse ensino.



- DIAS, B. *O i/mundo da educação da cultura visual*. Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.
- DIAS, Belidson. *Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes*. In: CONFAEB. 17., Florianópolis, 2008, Anais... Florianópolis: UDESC, 2008. Disponível em: www.aesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf.
- DIAS, B. *Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da Cultura Visual*. In: MARTINS, R. *Visualidade e educação*. Organizado por Raimundo Martins. Goiânia : FUNAPE, 2008.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre. Editora Artmed, 2009.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MARTINS, R. *Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos*. In: MARTINS, R. *Visualidade e educação*. Organizado por Raimundo Martins. Goiânia : FUNAPE, 2008.
- MELLUCI, A. *Por uma sociologia reflexiva; pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução de Maria do Carmo Alves Bomfim. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2005.

MOREIRA, A.F.B; CANDAU, V.M. *Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura. Organização do documento* Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento.

Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2007.

RYCHTER, C. et al. *O gênero nas Ciências Sociais. Leituras Críticas de Marx Weber a Bruno Latour.* 2014.

SUBTIL, M. J. D. *Reflexões sobre o ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções.* Revista HISTEDBR Online, Campinas, n.41, p. 241-254, março 2011.